

Como amar os irmãos?

O evangelista João é enfático ao apresentar, de modo objetivo, como se percebe que alguém ama o seu irmão: quando ama a Deus, ou seja, quando guarda o Seu mandamento!

Como amar os irmãos?

“Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos” (1 João 5:2)

Introdução

Inúmeros pensamentos, sobre como amar os irmãos, são apresentados nos púlpitos, em seminários, em tratados, nos livros, porém, na sua grande maioria, tais recomendações decorrem de questões subjetivas.

Como amar o irmão, se o que entendemos por amor não pode ser mensurado, provado ou demonstrado por evidências físicas, visto estarem atreladas as questões de foro íntimo, como sentimentos e emoções? Como amar, se palavras, atitudes e ações não evidenciam, de maneira prática, inequívoca e irrefutável o que é o amor bíblico?

Quando pensamos o amor do ponto de vista sentimental, temos de considerar o amor como uma via de mão dupla pois, quem é amado, também, tem que se sentir amado.

Neste sentido, não basta quem ama deixar de fazer ao outro o que não deseja que outros lhe façam, se o outro não considerar ou sentir que está sendo amado. Não basta entender que amar é fazer o bem ao outro, se o outro não compreender que o que está sendo feito é o bem, conseqüentemente, não se sentirá amado.

O que seria o bem a ser feito para com o irmão? Dar uma esmola é fazer o bem? A esmola não seria o mal, quando se perpetua a mendicância e a miséria? O outro não se sentirá ofendido, caso lhe seja oferecido auxílio?

Geralmente, não gostamos de ser repreendidos. Dai, a pergunta: a repreensão não é o bem? Se alguém nos repreende, não estaria amando?

O maior problema de definirmos o amor ou, o bem que se deve ao outro, está no campo do subjetivismo, o que nos leva a questionarmos: como amar o irmão?

Vale destacar que doar bens materiais ou se deixar desgastar, até exaurir o fôlego de vida para melhorar as condições econômicas dos pobres, não é o amor exigido por Deus (1Co 13:3). Abraçar causas sociais assistencialistas, feministas, abolicionistas, sindicalistas, não é o amor exigido por Deus. Levantar bandeira contra o homossexualismo, o ateísmo, o liberalismo, o humanismo, não é o amor exigido por Deus!

Tudo quanto a nossa sociedade, na atualidade, considera como amor, geralmente depende de questões subjetivas. Mas, o mandamento “... [deveis amar-vos uns aos outros](#)” (Jo 13:34), possui um elemento objetivo e todos os cristãos devem obedecer.

“[Portai-vos de modo que não deis escândalo, nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus. Como, também, eu, em tudo, agrado a todos, não buscando o meu próprio proveito, mas o de muitos, para que assim se possam salvar](#)” (1Co 10:32-33).

Diferença entre amor e afeição

Antes de continuarmos a análise, o leitor precisa estar informado acerca de dois termos gregos:

- a. ἀγάπη (agapē), comumente, traduzido por amor, caridade, misericórdia e;
- b. σπλαγχνον (splanchnon), traduzido por entranhas, que aponta para a sede das afeições humanas, de onde procede a bondade, a benevolência, a compaixão, etc.

Os lexicógrafos, geralmente, entendem que o termo ἀγάπη^[1] (agapē) não possui um significado específico e raramente era utilizado na literatura grega. A ideia que o termo transmitia, antes de ser utilizado pelos escritores do Novo Testamento, era para *‘expressar um ato de gentileza aos estrangeiros, de oferecer*

hospitalidade e ser caridoso'. Daí a indefinição dos tradutores, que ora vertem o termo por amor, outras vezes por caridade e outras por misericórdia.

Mas, indefinições à parte, o termo era utilizado para indicar as honras devidas aos visitantes (hospitalidade) ou, para indicar a honra devida ao outro.

O termo grego σπλαγχνον[2] (splanchnon), que significa entranhas, foi utilizado pelos apóstolos para fazer referência aos sentimentos.

É cediço que as entranhas (coração, pulmão, fígado, etc.), eram consideradas pelos povos da antiguidade como a sede dos sentimentos, como amor e ódio. O povo Hebreu seguia essa mesma linha de pensamento, daí as afeições mais sensíveis, como bondade, benevolência, compaixão, serem representadas pelas entranhas.

“Quem, pois, tiver bens do mundo e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar as suas entranhas, como estará nele o amor de Deus?” (1 Jo 3:17).

O apóstolo João deu um exemplo claro ao usar o termo traduzido por ‘entranhas’ (σπλαγχνον), no verso acima, ao instruir os cristãos a serem benevolentes, bondosos, caridosos, etc.

Amar a Deus

O evangelista João é enfático ao apresentar, de modo objetivo, como se percebe que alguém ama o seu irmão: quando ama a Deus, ou seja, quando guarda o Seu mandamento!

“Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos” (1 João 5:2)

“ἐν τούτῳ γινώσκομεν ὅτι ἀγαπῶμεν τὰ τέκνα τοῦ θεοῦ. ὅταν τὸν θεὸν ἀγαπῶμεν καὶ τὰς ἐντολὰς αὐτοῦ ποιῶμεν” Westcott/Hort with Diacritics.

O evangelista não diz que quem ama a Deus é aquele que se propõe a perdoar o seu irmão, ou servir o outro, sem pedir nada em troca ou, fazer o bem, sem olhar a quem ou, não desejar o mal ao outro, etc. Amar a Deus é obedecer ao seu mandamento: crer em Cristo (1 Jo 3:23).

A abordagem de João é específica: nisso conhecemos, ou seja, nisso sabemos. Só é possível saber que amamos os filhos de Deus (ao irmão ou, uns aos outros), quando amamos (obedecemos) a Deus.

Os filhos de Deus são todos os que creem em Cristo ou, seja, gerados de Deus, portanto, irmãos: **“Todo o que crê que Jesus é o Cristo, nasceu de Deus”** (1 Jo 5:1).

O amor de Deus é manifesto nisto: que guardemos seus mandamentos^[3] (1 Jo 5:3). Só ama a Deus quem cumpre o seu mandamento, como se observa:

“Se me amais, guardais os meus mandamentos” (Jo 14:15);

“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama” (Jo 14:21);

“Jesus respondeu e disse-lhe: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará e viremos para ele e faremos nele morada. Quem não me ama, não guarda as minhas palavras” (Jo 14:23-24).

Quem ama a Deus, deve amar por obra e em verdade ou, seja, não de palavra ou de língua (1 Jo 3:18). Isso significa que o verbo ἀγαπάω não aponta para o sentimento do homem, mas, para a disposição em honrar a quem ordena.

‘Honrar’ é o sentido que abstraímos da profecia de Isaías:

“Porque o Senhor disse: Pois que este povo se aproxima de mim, com a sua boca e com os seus lábios me honra, mas o seu coração se afasta para longe de mim e o seu temor para comigo consiste só em mandamentos de homens, em que foi instruído” (Is 29:13);

“Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade” (1 Jo 3:18).

O mandamento (temor) que os filhos de Israel obedeciam (honra) era somente temor (mandamento) de homens.

“E ele, respondendo, disse-lhes: Bem profetizou Isaías acerca de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, Mas o seu coração está longe de mim; Em vão, porém, me honram, ensinando doutrinas que são mandamentos de homens. Porque, deixando o

mandamento de Deus, retendes a tradição dos homens; como o lavar dos jarros e dos copos; e fazeis muitas outras coisas semelhantes a estas” (Mc 7:6-8).

Estes versos demonstram que o amor a Deus não consiste em sentimentos, mas, sim, em sujeitar-se a Ele, cumprindo o que foi ordenado[4]. O significado de amor transmutou-se ao longo do tempo, de sujeição de um servo ao seu senhor, passando a significar sentimento, afetividade.

“Porém Samuel disse: Tem porventura o SENHOR tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do SENHOR? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar e o atender melhor é do que a gordura de carneiros” (1 Sm 15:22);

“Porque eu quero a misericórdia e não o sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que os holocaustos” (Os 6:6);

Por isso o alerta:

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar ao outro, ou se dedicará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Mt 6:24).

O amor expresso por Jesus indica obra, serviço, sujeição a um senhor. Amor e ódio não se referem a sentimentos, mas à ideia de obedecer, de honrar ao seu senhor.

Após verificar que só ama a Deus quem obedece ao Seu mandamento, resta saber qual é o mandamento de Deus.

“E o amor é este: que andemos segundo os seus mandamentos. Este é o mandamento, como já desde o princípio ouvistes, que andeis nele” (2 Jo 1:6).

O evangelista João, objetivamente, aponta qual é o mandamento de Deus:

“E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento” (1 Jo 3:23).

Crer em Cristo é o mandamento de Deus e aquele que crê em Cristo ama a Deus, ou seja, obedece a Deus. Com base no exposto pelo apóstolo João, só é possível verificarmos que amamos os irmãos quando efetivamente cremos em Cristo, ou seja, quando guardamos (amamos) o Seu mandamento.

“Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos” (1 João 5:2).

O mesmo princípio utilizado para verificarmos se o cristão está em comunhão com Deus é utilizado para verificarmos se o cristão ama os irmãos. Observe:

“E nisto sabemos que o conhecemos[5]: se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu o conheço, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade. Mas, qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele, verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nele” (1 Jo 2:3-5).

Quando é dito que conhecemos a Deus, na verdade o termo traduzido por ‘conhecer’ expressa a ideia de comunhão, união. Quando é dito: γινώσκομεν ὅτι ἐγνώκαμεν (sabemos que o conhecemos), é utilizado os termos que são traduzidos por ‘saber’ e ‘conhecer’.

O termo γινώσκομεν é saber, conhecer, perceber e o termo ἐγνώκαμεν, além do significado de saber, conhecer, também significa ter comunhão íntima, indicando a ideia de um corpo.

Só desfruta de comunhão íntima com Deus aquele que obedece aos seus mandamentos (1 Jo 3:24). Ora, só é possível saber se alguém está n’Ele, quando esse alguém O obedece, ou seja, O ama. Só é possível identificar quem ama o irmão quando essa pessoa obedece a Deus, ou seja, se fez servo de Deus, crendo em Cristo.

É condição *sine qua non* ter comunhão com Deus para ser possível amar ao irmão!

“Aquele que diz que está na luz e odeia a seu irmão, até agora está em trevas. Aquele que ama a seu irmão está na luz e nele não há escândalo” (1 Jo 2:9-10).

Amar ao irmão

“E dele temos este mandamento: que quem ama a Deus, ame também a seu irmão” (1 Jo 4:21)

Ama a Deus quem crê em Cristo e quem crê em Cristo, deve amar ao irmão, segundo o Seu mandamento (1 Jo 3:23). Mas, só ama os filhos de Deus (irmão) quem crê em Cristo, ou seja, quem ama o seu irmão segundo o mandamento de Deus (1Jo 5:2).

No entanto, além de obedecer ao mandamento de Deus (que é crer em Cristo), os que creem em Cristo receberam o mandamento de amarem aos seus irmãos, segundo o que foi ordenado.

Enquanto o cristão ‘servir’ ao seu irmão em Cristo demonstra amor a Deus (Hb 6:10). Em função do mandamento de Deus, o crente deve honrar aos outros cristãos (Rm 13:8).

“Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Não useis, então, da liberdade para dar ocasião à carne, mas servi-vos uns aos outros pelo amor” (Gl 5:13);

“Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o SENHOR; e nós mesmos somos vossos servos, por amor de Jesus” (2 Co 4:5).

Os judaizantes instavam os cristãos a guardarem a lei para serem salvos, porém, basta ao cristão honrar ao outro irmão, para ser cumpridor da lei.

O apóstolo Paulo, juntamente com Barnabé, contendeu com alguns cristãos convertidos, dentre os judeus que vieram de Jerusalém, pois diziam que os gentios que se converteram a Cristo deveriam se circuncidar (At 15:1-5). A disposição do apóstolo Paulo em defender a verdade do evangelho, foi um cuidado dispensado aos irmãos, segundo o mandamento de Deus: amor segundo o evangelho.

Mas, objetivamente, como amar o irmão? Neste ponto se faz necessário diferenciar o sentimento humano que denominamos por ‘amor’ e o mandamento de Deus, que também é designado por ‘amor’.

Quando o apóstolo dos gentios faz referência ao ‘amor’ como sentimento, para expressar a ideia de ‘gostar de alguém ou, de algo’ (ter em alta conta),

geralmente faz uso do termo grego σπλάγχνα, que também se refere aos órgãos internos, como as vísceras que, em nossos dias, remete ao coração, ou à sede das emoções humanas. Figurativamente, o termo é utilizado para apontar os sentimentos do homem, a capacidade para sentir empatia, compaixão, afeto, etc.

Quando falamos de sentimentos, falamos de algo subjetivo, que flui por uma via de mão dupla. Um exemplo, verifica-se no apóstolo Paulo, pois ele amava, afetuosamente, os cristãos de Corinto, porém, alguns deles não consideravam desta forma.

Alguns cristãos de Corinto não conseguiam aquilatar o sentimento que o apóstolo Paulo nutria por eles, por conseguinte, estavam 'estreitados' no sentimento para com o apóstolo: **“Não estais estreitados em nós; mas estais estreitados nos vossos próprios afetos”** (2 Co 6:12). O termo utilizado pelo apóstolo Paulo para fazer referência ao afeto dos cristãos de Corinto é σπλάγχνα, ou seja, entranhas, intestinos (coração, pulmão, fígado, etc.).

Ao escrever acerca de Onésimo a Filemom, o apóstolo Paulo faz uso do termo σπλάγχνα para descrever a sua amizade e apreço por Filemom. É patente, nesta epístola, que o apóstolo Paulo e Filemom possuíam uma boa amizade, pelo teor do pedido do apóstolo.

Na epístola a Filemom, inicialmente, o apóstolo dos gentios dá graças a Deus e enfatiza que sempre faz menção do irmão Filemom em suas orações (Fm 1:4), por ouvir acerca do amor e da fé de Filemom, em Cristo. A fé (crença) de Filemom é resultado do seu amor, ou seja, da obediência ao evangelho (fé). Em decorrência de Filemom ter crido em Cristo, o apóstolo sentiu grande gozo e consolação (Fm 1:7), e os sentimentos dos santos foram acalentados.

Pela sua posição, como apóstolo, Paulo podia ordenar a Filemom que o obedecesse, porém, pediu, um modo de honrá-lo (amor) (Fl 1:8-9). Ao enviar o irmão Onésimo, que pertencera a Filemom, como escravo, o apóstolo Paulo esperava que Filemom recebesse Onésimo, como se fosse as suas próprias entranhas, ou seja, o apóstolo dá destaque ao vínculo do sentimento de apreço, que havia entre eles (Fl 1:12, 17).

Hoje, em nossa língua, seria como se o apóstolo escrevesse que estava enviando o seu próprio coração, uma forma de expressar o seu sentimento. Esse cuidado do apóstolo, dispensado a Onésimo, também é amor, pois roga a Filemom que receba

o seu escravo Onésimo através do seguinte prisma:

- a) como seu irmão amado, e;
- b) como filho do apóstolo (Fl 1:16).

O apóstolo destaca duas razões para Filemom recepcionar Onésimo:

- a) sujeição ao Senhor, e;
- b) por Filemom e Onésimo compartilharem a mesma nacionalidade.

O sentimento de saudade que o apóstolo Paulo expressa aos cristãos de Filipos foi registrado nos seguintes termos:

“Porque Deus me é testemunha das saudades que de todos vós tenho, em entranhável afeição de Jesus Cristo” (Fl 1:8).

A saudade do apóstolo é sentimento (afeição) que decorre dos laços afetivos, ou *σπλάγχνοις* (entranhável afeição), que surgiram por causa de compartilharem a mesma doutrina. O evangelho os uniu como irmãos e, em decorrência dessa união, surgiram os laços afetivos.

Após expressar o seu sentimento, o apóstolo Paulo faz um pedido aos cristãos de Filipos: que o amor deles se desenvolva em discernimento e em conhecimento! Esse amor, que demanda *ἐπίγνωσις* e *αἴσθησις*, respectivamente ‘conhecimento’ e ‘discernimento’, não é sentimental, mas, objetivo: obediência a Deus (crer em Cristo) com o dever de honrar os irmãos.

O apóstolo Pedro enfatiza que os cristãos são purificados por Deus, através da obediência ao evangelho (verdade), que leva ao amor fraternal sincero, que procede de um coração puro. Daí a ordem: amai-vos uns aos outros!

“Purificando as vossas almas pelo Espírito, na obediência à verdade, para o amor fraternal, não fingido; amai-vos, ardentemente, uns aos outros, com um coração puro” (1 Pe 1:22).

A obediência à verdade leva ao amor fraterno (*φιλαδελφίαν/philadelphia*), que é livre de fingimento, de malícia, de engano, de inveja e de murmurações (1 Pe 2:1). Daí a ordem: amai-vos, intensamente, uns aos outros (*ἀγαπήσατε ἑκτενῶς*). ‘Amor fervente’, diz de um cuidado intenso para com os outros, em virtude do

mandamento.

O apóstolo Pedro faz essa recomendação, para que os cristãos convertidos, dentre os judeus, mudassem sua concepção (1 Pe 1:13), portando-se como filhos obedientes: não seguindo as concupiscências de antes (1 Pe 1:14). Se como cristãos invocavam por Pai a Deus, que não faz acepção de pessoas (1 Pe 1:17), deveriam amar a todos cristãos, quer fossem judeus ou gentios convertidos.

Se o amor é sem fingimento, sem engano, sem malícia, os cristãos da dispersão (judeus convertidos), deveriam ser hospitaleiros e sem murmurações (1 Pe 1:1). O apóstolo Pedro sinaliza que é necessário cuidar (amar, honrar) dos irmãos, sem fazer acepção. Portanto, cada qual deveria servir uns aos outros, conforme o dom que cada um recebeu (1 Pe 4:9).

A hospitalidade era uma questão sociocultural imprescindível à época dos apóstolos e um dos cuidados indispensáveis que todos os cristãos deveriam dispensar a todos os irmãos.

“PERMANEÇA o amor fraternal. Não vos esqueçais da hospitalidade, porque, por ela, alguns, não o sabendo, hospedaram a anjos” (Hb 13:1-2).

O escritor aos Hebreus instrui para que o amor fraterno seja contínuo. Um dos aspectos do amor fraternal é a hospitalidade. De que adianta alguém que chama os membros da comunidade de irmãos em Cristo, mas se recusa a receber outro, calcado em questões econômicas, sociais, nacionais, etc.

O ‘ardente amor’ (ἀγάπην ἐκτενῆ), apontado pelo apóstolo Pedro, é superior ao amor fraternal, pois este deriva daquele, por ser mandamento: amai-vos ardentemente (1 Pe 1:22).

Ao falar da hospitalidade, o apóstolo Pedro recomenda o ‘amor fervente’, ou seja, o cuidado intenso, uns para com os outros. Na ‘hospitalidade’, está implícito o amor que desfaz as ofensas (1 Pe 4:9; Pv 10:12), porque o ‘ódio’, no sentido de ‘desonra’, suscita contendas, dissensões, mas o ‘amor’, no sentido de ‘honra’, encobre (dissipa) transgressões, erros.

Temos que compreender a citação do apóstolo Pedro, à luz do contexto do Livro dos Provérbios:

“O ódio excita contendas, mas o amor cobre todos os pecados” (Pv 10:12);

“Mas, sobretudo, tende ardente amor uns para com os outros; porque o amor cobrirá uma multidão de pecados” (1 Pe 4:8).

Um cristão judeu receber outro cristão, em sua residência, não importando a sua nacionalidade, é amar fraternalmente. Essa hospitalidade é o mesmo que andar, dignamente, diante de Cristo, agradando a Ele em tudo, pois se Cristo não fez acepção de pessoas e chama, a todos que creem, de irmãos (Hb 2:11), os seus seguidores não podem fazer diferente: **“Para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda a boa obra e crescendo no conhecimento de Deus” (Cl 1:10).**

Pensando na sociedade à época, a hospitalidade é pertinente a todos os cristãos. Cada qual deveria receber o outro, sem fazer comentários desairosos. De nada adiantava um cristão judeu recepcionar um cristão convertido, dentre os gentios, e, após despedi-lo, fazer gracejos, comentários e críticas sobre questões como: comidas, dias de festas, genealogias, jejuns, votos, etc. **“Portanto recebei-vos uns aos outros, como também Cristo nos recebeu, para glória de Deus” (Rm 15:7).**

Quando o apóstolo Pedro instrui a servir uns aos outros, a ideia é que cada cristão tivesse o outro em alta conta, ou seja, em honra. Além da hospitalidade, cada qual deveria servir o outro, segundo o dom que recebera de Deus, como bons despenseiros do evangelho (1 Pe 4:10).

Como despenseiros da multiforme graça de Deus, quem fala aos irmãos, para que instruem segundo as palavras de Deus; ou, para quem ministra, que ministre segundo o poder concedido por Deus (evangelho), de modo que Deus seja glorificado. Quem instrui ou, quem ministra uma palavra, que não é segundo a verdade do evangelho, não ama a seu irmão.

Que valor teria, alguém ministrar os irmãos com base em tradições e ordenanças de homens? Que valor teria alguém ensinar aos cristãos a hospitalidade, com base em preceitos de homens? Tal ensinamento promove dissensão e não o amor fraternal, segundo o evangelho! Esse ensinamento diz do ‘fermento’ dos fariseus, ou, do ‘vinho’ em que há contenda!

Falar a verdade é aspecto próprio ao fruto dos lábios, apontado pelo escritor aos Hebreus, pois, por ele, Deus é glorificado: **“Estas são as coisas que deveis fazer: Falai a verdade cada um com o seu próximo; executai juízo de verdade e de paz, nas vossas portas” (Zc 8:16; Ef 4:25; Hb 13:15; Jo 15:8).**

Cristo é a verdade, e confessar a Cristo como Senhor, é dizer a verdade. Da mesma forma que o apóstolo Pedro, Paulo aponta qual é o modo pelo qual amamos os nossos irmãos:

“Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual, também, para o que é dos outros” (Fl 2:3-4).

Em poucas linhas, o apóstolo dos gentios apresenta como deve ser o amor dos cristãos, para com os irmãos. De tudo quanto o cristão vai fazer ou, deixar de fazer, que as suas ações ou omissões não sejam para promover contenda ou, para se autopromover.

Tudo quanto o cristão vai fazer ou, deixar de fazer, em relação ao seu irmão, deve ser por humildade (sujeição), ou seja, em obediência a Deus.

A ordem para se humilhar debaixo das potentes mãos de Deus, significa que é para o cristão se fazer servo de Deus (Tg 4:10; 1 Pe 5:6), assim como Cristo humilhou-se a si mesmo (se fez servo), sendo obediente até a morte, e morte de cruz (Fl 2:8).

Um homem livre era humilhado, se perdesse a sua condição de livre e fosse feito escravo. No evangelho, o homem deve humilhar-se a si mesmo, ou seja, se fazer escravo de Deus, crendo em Cristo (Rm 6:18).

Agora, em Cristo, o cristão recebe a ordem para amar o irmão, ou seja, tê-lo em honra. Como amar? Considerando o outro superior a si mesmo!

“... cada um considere os outros superiores a si mesmo” (Fl 2:3).

- “Mas eu sou senhor de escravos”! O dever como servo de Cristo, é considerar o irmão que é escravo, superior a si mesmo! - “Mas eu sou cidadão Romano”! O dever é considerar todos os outros cristãos como superior a si mesmo! - “Mas eu sou Judeu”! O dever é não fazer acepção de pessoas!

O amor bíblico está acima de um sentimento para com o outro, pois é um mandamento! A afeição somente vai aflorar com o tempo e pela inteiração que surge das relações entre aqueles que amam a Deus!

Na comunidade de Filipos reuniam servos e livres, homens e mulheres, judeus e gregos, sábios e ignorantes, etc., mas cada um tinha que considerar o outro como superior a si mesmo, ou seja, em alta conta, em honra. Isto é amor, como mandamento, diferente do afeto entranhável, que é sentimento.

Se os membros daquela comunidade compreendiam a essência do evangelho, deveriam entender que, no corpo de Cristo “... não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3:28).

Assim como no corpo damos honra aos membros que possuem menos honra, assim, também, deve ser o comportamento do cristão para com o seu irmão:

“E os que reputamos serem menos honrosos no corpo, a esses honramos muito mais; e aos que em nós são menos decorosos, damos muito mais honra. Porque os que, em nós, são mais nobres, não têm necessidade disso, mas Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela; Para que não haja divisão no corpo, mas, antes, tenham os membros igual cuidado uns dos outros” (1 Co 12:23-25)

Quem faz por humildade, cumpre o que é ordenado:

“Sujeitando-vos uns aos outros, no temor de Deus” (Ef 5:21);

“Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor” (Ef 5:22);

“Vós, mulheres, estai sujeitas a vossos próprios maridos, como convém no Senhor” (Cl 3:18);

“Sujeitai-vos, pois, a toda a ordenação humana, por amor do Senhor; quer ao rei, como superior” (1 Pd 2:13);

“Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles; porque velam por vossas almas, como aqueles que hão de dar conta delas; para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria útil” (Hb 13:17).

Sujeitar-se a Cristo (jugo), obriga o cristão a carregar o fardo de Jesus, que é leve. O jugo é tomado quando se crê em Cristo, já o fardo refere-se ao dever de honrar o irmão, suportando uns aos outros, em amor.

“ROGO-VOS, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros, em amor” (Ef 4:1-2).

Suportar uns aos outros é um fardo decorrente do jugo, portanto, não é agradável, ou, decorrente de afeição, mas, por sujeição ao mandamento do Senhor: “Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11:29-30).

É agradável um cristão, convertido dentre os judeus, receber em casa um grego? Como ser hospitaleiro, contrariando uma gama de tradições herdada dos pais? Como adentrar a casa de um gentio, se não for por amor (sujeição a Deus)? Como conceder a mão de uma filha a alguém que não é da minha nação? Etc.

“E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro, mata e come. Mas Pedro disse: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda. E segunda vez lhe disse a voz: Não faças tu comum ao que Deus purificou” (At 10:13-15).

“E disse-lhes: Vós bem sabeis que não é lícito a um homem judeu ajuntar-se ou chegar-se a estrangeiros; mas Deus mostrou-me que a nenhum homem chame comum ou imundo. Por isso, sendo chamado, vim sem contradizer. Pergunto, pois, por que razão mandastes chamar-me?” (At 10:28-29).

Cada cristão deve aprender de Cristo, que é humilde e manso de coração, para poder, com longanimidade, em humildade e mansidão, suportar o outro em obediência (amor) a Deus!

Daí a ordem para os servos:

“E os que têm senhores crentes não os desprezem, por serem irmãos; antes, os sirvam melhor, porque eles, que participam do benefício, são crentes e amados. Isto ensina e exorta” (1 Tm 6:2).

Recomendação semelhante aos senhores:

“VÓS, senhores, fazei o que for de justiça e equidade a vossos servos, sabendo que também tendes um Senhor nos céus” (Cl 4:1);

“E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles, deixando as ameaças, sabendo também que o SENHOR deles e vosso está no céu, e que para com ele não há acepção de pessoas” (Ef 6:9).

Observe:

“Ninguém oprima ou engane a seu irmão, em negócio algum, porque o SENHOR é vingador de todas estas coisas, como também antes vo-lo dissemos e testificamos. Porque não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação. Portanto, quem despreza isto não despreza ao homem, mas, sim, a Deus, que nos deu também o seu Espírito Santo. Quanto, porém, ao amor fraternal, não necessitais de que vos escreva, visto que vós mesmos estais instruídos por Deus, que vos ameis uns aos outros; Porque também já assim o fazeis, para com todos os irmãos, que estão por toda a Macedônia. Exortamo-vos, porém, a que ainda nisto aumenteis cada vez mais” (1 Ts 4:6-10).

O apóstolo Paulo instruiu aos cristãos que não oprimam ou enganem o outro, em negócio algum. De modo que, quem despreza a ordenança transmitida pelo apóstolo Paulo, na verdade despreza a Deus, que também concedeu a ele o Espírito Santo. Essa ordem alcança, tanto senhores, quanto servos, gentios ou judeus, homens ou mulheres.

Amar uns aos outros, é instrução dada por Deus, o que deve ser feito sem distinção (nacionalidade, língua, condição social, etc.) para com todos. Esse serviço deve aumentar cada vez mais (1 Ts 3:12; 1 Ts 4:1, 10). Como? Acrescentando à fé a virtude, à virtude a ciência, à ciência a temperança, à temperança a paciência, à paciência a piedade, à piedade o amor fraternal e ao amor fraternal, o amor (2 Pd 1:5-7).

Se todos os elementos apontados pelo apóstolo Pedro forem acrescentados uns aos outros, o cristão não será ocioso e nem deixará de produzir (2 Pd 1:8). Daí a necessidade de obediência ao mandamento: ter o outro em alta conta, ou seja, em consideração. “E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras” (Hb 10:24). [6]

Se um judeu quiser viver como judeu, não há problema algum, mas, pelo dever de honrar a seu irmão, não pode impor aos outros, as suas práticas, herdadas por tradição, dos seus pais. Um cristão convertido, dentre os judeus, que se sujeita ao

Senhor, deve reger as suas atitudes, em submissão ao Senhor: sem fazer acepção de pessoas.

Por essa razão, o apóstolo Paulo repreendeu o apóstolo Pedro:

“E, chegando Pedro a Antioquia, lhe resisti na cara, porque era repreensível. Porque, antes que alguns tivessem chegado da parte de Tiago, comia com os gentios; mas, depois que chegaram, foi se retirando e se apartou deles, temendo os que eram da circuncisão. E os outros judeus, também, dissimulavam com ele, de maneira que até Barnabé se deixou levar pela sua dissimulação. Mas, quando vi que não andavam bem e corretamente, conforme a verdade do evangelho, disse a Pedro, na presença de todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?” (Gl 2:11-14).

Emquanto comia com os gentios, o apóstolo Pedro amava os gentios, segundo o mandamento de Deus. Mas, por causa da chegada de alguns cristãos convertidos dentre os judeus, juntamente com Tiago, o apóstolo Pedro separou-se dos cristãos convertidos dentre os gentios, deixando de honrá-los (cuidando, honrando): “E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento” (1 Jo 3:23).

O mandamento do amor não visa implantar ou promover filosofias, dogmas, ritos, legalismos, formalismos, e nem tem por base questões de ordem econômica ou, social. Assistência social não é o mesmo que amar.

O mandamento do amor deriva do evangelho, pois é um complemento que orna a doutrina do evangelho. Se for de valia para a edificação do corpo de Cristo, cada cristão deve agradar a seu irmão, no que é bom para crescimento do corpo de Cristo.

“Portanto, cada um de nós agrade ao seu próximo, no que é bom para edificação. Porque, também Cristo não agradou a si mesmo, mas, como está escrito: Sobre mim caíram as injúrias dos que te injuriavam” (Rm 15:1-2);

“Sigamos, pois, as coisas que servem para a paz e para a edificação de uns para com os outros” (Rm 14:19).

A essência do mandamento do amor é para que os cristãos andem, segundo o

evangelho de Cristo, que desfez a barreira de separação entre judeus e gentios (Ef 2:14). Se não há barreira entre judeus e gentios no corpo de Cristo, como um membro do corpo deve portar-se em relação ao seu irmão?

Embora a realidade em Cristo seja a reconciliação de judeus e gentios, pois de dois povos fez um, viver essa nova realidade demandava boa compreensão da verdade do evangelho, bem como abrir mão de convicções que eram tão caras aos cristãos, quando ainda na ignorância.

Os cristãos convertidos dentre os judeus não podiam julgar os cristãos convertidos dentre os gentios, e nem esses por tropeço ou escândalo àqueles e vice versa: **“Assim que não nos julguemos mais uns aos outros; antes, seja o vosso propósito não por tropeço ou escândalo ao irmão”** (Rm 14:13).

“Bom é não comer carne, nem beber vinho, nem fazer outras coisas em que teu irmão tropece ou, se escandalize ou, se enfraqueça” (Rm 14:21).

Amor como mandamento

“Isto vos mando: Que vos ameis uns aos outros” (Jo 15:17).

Por que Jesus ordena aos seus discípulos que se amem uns aos outros? Essa capacidade não deveria ser nata do indivíduo nascido de novo?

“Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós, uns aos outros, vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13:35).

Além de ordenar aos seus discípulos, que amem uns aos outros, Jesus se interpôs como exemplo, pois Ele também havia amado todos eles. Os discípulos deveriam amar uns aos outros, para que os homens conhecessem que eles eram, verdadeiramente, discípulos de Jesus. Como entender isso?

Para compreender como as pessoas reconhecem os seguidores de Jesus, faz-se necessário lembrar que Jesus amou ao Pai, obedecendo a Ele em tudo! Ao obedecer ao Pai, Jesus amou o Pai e permaneceu ao abrigo do amor (cuidado) do Pai.

“Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós; permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor” (Jo 15:9-10);

“Mas, é para que o mundo saiba que eu amo o Pai e que faço como o Pai me mandou. Levantai-vos, vamo-nos daqui” (Jo 14:31).

Para permanecer sob o cuidado (amor) de Cristo, os cristãos devem guardar os seus mandamentos, pois foi assim que Jesus permaneceu sob o amor do Pai e tornou possível ao mundo saber que Ele amava o Pai.

E como o mundo soube que Jesus amava o Pai? Pelo fato de Jesus não se sujeitar às tradições dos anciãos e nem comungar da religião dos escribas, fariseus e saduceus.

O amor de Cristo para com o Pai se vê quando Ele, na forma de homem, se humilhou, fazendo-se servo, sendo obediente até a morte e morte de cruz (Fl 2:8).

O amor de Cristo para com os discípulos e para com a humanidade se vê em atitudes como:

- a. quando Jesus comia sem lavar as mãos (Mc 7:2 -5) ou;
- b. quando operava sinais e maravilhas nos sábados (Mc 2:24) ou;
- c. por não jejuar e nem ordenar tal aos seus discípulos (Mt 9:17) ou;
- d. quando se assentava para comer com os cobradores de impostos e os gentios (Mt 9:11) ou;
- e. quando deixou ser tocado por uma pecadora (Lc 7:37-39), etc.

Se Jesus seguisse as ordenanças dos anciãos, não seria possível ver distinção entre o evangelho e o judaísmo. Mas, ao amar os seus discípulos, Jesus se santificou a Si mesmo, ou seja, se manteve separado das práticas dos seus concidadãos.

“Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E por eles me santifico a mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade” (Jo 17:18-19).

O Senhor Jesus teve o cuidado de manter-se separado da doutrina e das práticas dos seus concidadãos, para que homens de todos os povos, nações e línguas

soubessem que Ele, verdadeiramente, obedeceu a Deus.

Da mesma forma que Cristo veio ao mundo, como O enviado de Deus, enviou os seus seguidores e esses, por sua vez, foram santificados na verdade (em Cristo) e comissionados a amarem uns aos outros.

Após ser instruído por Deus, quão grande amor não demonstrou o apóstolo Pedro, ao entrar na casa da família de Cornélio? (At 10:27-28) Que cuidado demonstrou o apóstolo Pedro, ao recepcionar e ao hospedar os homens enviados por Cornélio! (At 10:23)

Mas, e se Deus não desse a visão de um vaso, que desceu dos céus, como um grande lençol, com toda a sorte de animais, incluindo os considerados imundos? E se Deus não instrísse, que não era para o apóstolo Pedro ter como imundo ou comum o que Deus purificou? (At 10:15)

Ao entrar na casa de Cornélio, o apóstolo Pedro estava dando um testemunho público de que era um seguidor de Cristo. No simples ato de hospedar estrangeiros em sua casa, o apóstolo Pedro estava amando, por obra e em verdade. Mas, quando dissimulou e foi repreendido pelo apóstolo Paulo, o apóstolo Pedro estava amando só de palavra e de língua! (1 Jo 3:18)

Ao abordarmos o amor como mandamento, fugimos do subjetivismo, decorrente do pensamento recente da humanidade, que é próprio ao humanismo[7]. O amor bíblico não é incondicional, nem baseado no comportamento para com os outros[8], como disse James C. Hunter, antes, deriva do mandamento de Deus: crer em Cristo e amar uns aos outros, segundo o que Ele ordenou.

No amor como mandamento não temos sensibilidade e nem afeição, pois como afirma Emery, o sentimento por si só não é amor, apesar da definição equivocada que ele apresenta de que *'O amor implica não apenas em receber, mas em dar, não meramente em emoção, mas em concessão'* [9].

O evangelista João narra que, antes da festa da páscoa, Jesus, sabendo que era a hora de partir desse mundo, por amar aos seus discípulos, os amou até o fim (Jo 13:1). O evangelista João descreveu um sentimento? Não! Ele narrou o cuidado que Jesus dispensou aos seus discípulos, ao instruí-los até o fim.

Durante a ceia, Jesus se levantou, tirou a vestimenta de cima e cingiu-se com uma

toalha (Jo 13:4). Depois, colocou água em uma bacia e passou a lavar os pés aos discípulos. Após terminar de lavar os pés de todos os discípulos, retomou as suas vestes, voltou para a mesa e questionou:

- *“Entendeis o que eu fiz”* (Jo 13:12).

Os discípulos chamavam Jesus de Mestre e Senhor e Jesus se declarou Mestre e Senhor, para demonstrar que, do mesmo modo que cuidou dos seus discípulos até o último dia, eles também deviam cuidar uns dos outros (Jo 13:14).

Jesus se interpôs como exemplo, para que os seus discípulos fizessem o mesmo: cuidassem uns dos outros. Ao amarem (cuidarem) uns aos outros, seriam bem-aventurados (Jo 13:17).

“Cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual, também, para o que é dos outros” (Fl 2:3-4).

Os cristãos judeus, para amarem, deveriam ter em honra os cristãos gentios; os senhores cristãos deveriam considerar os seus escravos cristãos em alta conta; os homens cristãos deveriam honrar as mulheres cristãs; os cristãos romanos honrarem os cristãos pertencentes às outras nações, etc., pois, amar, decorre de honrar, a essência do termo grego ἀγαπή (agapē).

Sacrifício, como dar o corpo para ser queimado, não é amor ao mandamento de Deus. Desfazer-se de riquezas aos pobres, não é o amor exigido por Deus (1 Co 13:3). Alimentar os desvalidos, doar bens, assistencialismo, etc., não é o mandamento de Deus.

Isso não significa que esteja vetado aos cristãos fazer doações e caridades. Mas, o cristão deve ter o conhecimento necessário para compreender que causas sociais (feminismo, abolicionismo, sindicalismo, dignidade da pessoa, igualdade, etc.), não é a essência do mandamento de Deus.

Quando lemos o seguinte trecho da primeira epístola de João:

“E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu o conheço e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso e nele não está a verdade. Mas, qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele, verdadeiramente, aperfeiçoado; nisto

conhecemos que estamos nele. Aquele que diz que está nele, também, deve andar como ele andou. Irmãos, não vos escrevo mandamento novo, mas o mandamento antigo, que desde o princípio tivestes. Este mandamento antigo é a palavra que desde o princípio ouvistes. Outra vez vos escrevo um mandamento novo, que é verdadeiro nele e em vós; porque vão passando as trevas e já a verdadeira luz ilumina. Aquele que diz que está na luz e odeia a seu irmão, até agora está em trevas. Aquele que ama a seu irmão está na luz, e nele não há escândalo. Mas aquele que odeia a seu irmão está em trevas e anda em trevas e não sabe para onde deva ir; porque as trevas lhe cegaram os olhos” (1Jo 2:3 -11).

Temos que compreender que só sabemos que estamos em comunhão com Deus, quando cumprimos o seu mandamento (vs. 3-5). Mas, quem diz estar em comunhão com Deus, deve andar como Cristo andou, não fazendo acepção de pessoas e nem julgando os outros pela aparência (Tg 2:1).

Em razão disto, aquele que diz amar a Deus, mas não aceita o outro irmão por causa da sua nacionalidade, condição social, língua, etc., é homicida, pois odeia o seu irmão e permanece nas trevas.

Ora, os seguidores de Jesus têm que obedecê-lo quanto ao ide: Ide por todo mundo, ou seja, fazei discípulos de todos os povos (Mt 28:19; Cl 1:23).

Como um cristão judeu prega o evangelho se considera os gentios comuns ou imundos? Como evangelizá-los sem se assentar em uma mesa para comer?

O mundo só compreenderá que um judeu é seguidor de Cristo, se ele abrir mão dos seus costumes herdados dos seus pais.

A humanidade só sabe que [Abraão creu em Deus](#) porque ele, em obediência, apresentou a Deus o seu único filho, em holocausto. Só entendemos que Raabe obedeceu a Deus, por ter recebido os espias e colocado o cordão de cor vermelha na janela de sua casa (Tg 2:23, 25).

Quem ama o seu irmão não tem em si escândalo, pois, como chamará alguém de irmão e membro do corpo de Cristo, se recusar comungar de uma mesma mesa, ou rejeitar hospedá-lo?

Se o crente, pelo evangelho, chama a Deus por Pai, e entende que o seu irmão em

Cristo, não importando nacionalidade, é coerdeiro com Cristo, que prove o seu amor, estendendo, também, a destra da comunhão, em todos os sentidos (Gl 4:6).

Aquele que ama a seu irmão que vê e desconsidera tudo o que a sua perspectiva humana desaprova, verdadeiramente, creu em Deus que não vê (1Jo 4:20-21).

“Mas, se por causa da comida se contrista teu irmão, já não andas conforme o amor. Não destruas, por causa da tua comida, aquele por quem Cristo morreu” (Rm 14:15).

[1] *“Amor (gr. agape) (1 Pe 4.8; Rm 5.5, 8; 1 Jo 3.1; 4.7, 8,16; Jd 21) Esta palavra raramente era usada na literatura grega, antes do Novo Testamento. E quando isso acontecia, ela era usada para expressar um ato de gentileza aos estrangeiros, de oferecer hospitalidade e ser caridoso”. O novo comentário bíblico NT, com recursos adicionais — A Palavra de Deus ao Alcance de Todos, Editores Earl Radmacher, Ronald B. Allen e H. Wayne House, Rio de Janeiro, 2010, pág. 701. “agapaõ que, originalmente, significava “honrar” ou “dar boas-vindas”, é, no Gr. clássico, a palavra que tem menos definição específica; frequentemente, se emprega como sinônimo de phileõ, sem haver qualquer distinção, necessariamente nítida, quanto ao significado (...) 4. Não está clara a etimologia de agapaõ e agapè. O vb. agapaõ aparece, frequentemente, na literatura gr. de Homero em diante, mas o subs. agapè é uma construção, que só aparece no Gr. posterior. Foi achada uma só referência fora da Bíblia: ali, a deusa Isis recebe o título de agapè (P. Oxy, 1380, 109; século II d.C.), agapaõ é frequentemente uma palavra descolorida em Grego e aparece, com frequência, como alternativa para, ou sinônimo com, eraõ e phileõ, com o significado de “gostar de”, “tratar com respeito”, “estar contente com”, e “dar as boas-vindas”. Quando, em raras ocasiões, se refere a alguém que foi favorecido por um deus (cf. Dio. Cris., Orationes 33, 21), fica claro que, diferentemente, de eraõ, não se refere ao anseio humano por posses ou valores, mas, sim, uma iniciativa generosa de uma pessoa por amor à outra”. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, Colin Brown, Lothar Coenen (orgs.); [tradução Gordón Chown] — 2ª ed. — São Paulo; Vida Nova, 2000, págs. 113 e 114. “Na LXX, agapaõ se emprega, de preferência, para traduzir o verbo heb. Àhèb. O subs. agapè acha aqui a sua*

origem, ao representar o Heb. 'ah bâk. O vb. Ocorre, muito mais, frequentemente, do que o subs. 'ahèb e pode se referir, tanto a pessoas, como a coisas, e denota, em primeiro lugar, o relacionamento de seres humanos entre si, e, em segundo lugar, o relacionamento entre Deus e o homem (...) Na LXX (Septuaginta), surge diante de nós um quadro bem diferente'; phileō, ocorre raras vezes, enquanto o vb. agapaō, e o subs. agapè (doutro forma, quase, inteiramente, desconhecido no Gr.) se acham a cada passo. Não é possível discernir se se empregam conforme regras fixas, pois phileō (30 vezes), tal como agapaō (cerca de 263 vezes), geralmente traduz o Heb. ahèb (e.g. Gn 27:4 e segs.; 37:4 [cf. 37:3]; Is 56:10; Pv 8:17 [cf. 8:21]). Embora o Heb. tenha uma gama inteira de palavras para expressar o conceito contrário do ódio (enquanto a LXX só tem a palavra única miseō - Inimigo, art. miseō), tem, virtualmente, a única raiz .ahèb à sua disposição para a gama de sentimentos, que se associam com o amor. O Gr., de outro lado, tem várias raízes e palavras derivadas para expressar as várias matizes do amor: philia (38 vezes), que geralmente traduz 'ahèb, 'ahabâh, é comparativamente rara, embora philos (cerca de 181 vezes), que, geralmente, traduz rèa, embora, frequentemente, sem equivalente heb., seja mais comum na LXX" Idem. Págs. 114 e 121.

[2] "4698 σπλαγχνον splanchnon provavelmente fortalecido de splen ("baço"); TDNT - 7:548,1067; n n 1) entranhas, intestinos, (coração, pulmão, fígado, etc.) 1a) entranhas 1b) as entranhas eram consideradas como a sede das paixões mais extremas, tal como o ódio e o amor; para os hebreus, a sede das afeições mais sensíveis, esp. bondade, benevolência, compaixão; daí, nosso coração (misericórdia, afetos, etc.) 1c) coração no qual reside misericórdia" Dicionário Bíblico Strong.

[3] "1785 εντολη entole de 1781; TDNT - 2:545,234; n f 1) ordem, comando, dever, preceito, injunção 1a) aquilo que é prescrito para alguém em razão de seu ofício 2) mandamento 2a) regra prescrita de acordo com o que um coisa é feita 2a1) preceito relacionado com a linhagem, do preceito mosaico a respeito do sacerdócio 2a2) eticamente usado dos mandamentos da lei mosaica ou da tradição judaica" Dicionário Bíblico Strong.

[4] "A obediência exigida por Deus, que aceita em todas as nossas ações a vontade pelos atos, é um esforço sério de lhe obedecer e é também denominada com todos aqueles nomes que significam esse esforço. E, portanto a obediência é umas vezes denominada com os nomes de caridade e amor, porque implicam a

vontade de obedecer e, mesmo nosso Salvador, faz de nosso amor a Deus e ao próximo um cumprimento de toda a lei". Hobbes de Malmesbury, Thomas, *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*, Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva.

[5] *"1097 γινωσκω ginosko forma prolongada de um verbo primário; TDNT - 1:689,119; v 1) chegar a saber, vir a conhecer, obter conhecimento de, perceber, sentir 1a) tornar-se conhecido 2) conhecer, entender, perceber, ter conhecimento de 2a) entender 2b) saber 3) expressão idiomática judaica para relação sexual entre homem e mulher 4) tornar-se conhecido de, conhecer"* Strong, James *Dicionário Bíblico Strong, Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*, Ed. Sociedade Bíblica do Brasil:2002.

[6] *"2657 κατανοεω katanoeo de 2596 e 3539; TDNT - 4:973,636; v 1) perceber, notar, observar, entender 2) considerar atenciosamente, fixar os olhos ou a mente em alguém"* Dicionário Bíblico Strong.

[7] *"Humanismo é a filosofia moral que coloca os humanos como principais, numa escala de importância, no centro do mundo. É uma perspectiva comum a uma grande variedade de posturas éticas que atribuem a maior importância à dignidade, às aspirações e às capacidades humanas, particularmente a racionalidade"*, Wikipédia.

[8] *"... os gregos usavam o substantivo ágape e o verbo correspondente agapaó para descrever um amor incondicional, baseado no comportamento com os outros, sem exigir nada em troca. E o amor da escolha deliberada. Quando Jesus fala de amor no Novo Testamento, usa a palavra ágape, um amor traduzido pelo comportamento e pela escolha, não o sentimento do amor"*. HANTER, James C., *O monge e o executivo*. Tradução Maria da Conceição F. de Magalhães. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. Pág. 76.

[9] *"Assim como existe uma mente mais alta que a nossa, semelhantemente, existe um coração maior que o nosso. Deus não é, simplesmente, Aquele que ama; Ele é igualmente o Amor que é amado. Há uma infinita vida de sensibilidade e afeição em Deus. Deus tem sensibilidade em grau infinito. O sentimento, por si só, porém, ainda não é amor. O amor implica não apenas em receber, mas em dar, não meramente em emoção, mas em concessão..."* Bancroft, Emery H., *Teologia Elementar, Doutrinária e Conservadora*, Editora Batista Regular, São Paulo, 2001,

Paradoxo da onipotência, onisciência e benevolência

O paradoxo de Epicuro tem por base três atributos da divindade, os quais são: onipotência, onisciência e onibenevolência (benevolência ilimitada). Apesar do aviso paulino, já no primeiro século do cristianismo, vê-se influências helenísticas nos escritos encontrados, e dentre eles destacamos a 'Didaquê', chamado de 'A doutrina dos doze apóstolos', uma espécie de catecismo redigido entre os anos 90 e 100, na Síria, na Palestina ou em Antioquia.

Paradoxo da onipotência, onisciência e benevolência

[“Cheia parti, porém vazia o SENHOR me fez tornar; por que pois me chamareis Noemi? O SENHOR testifica contra mim, e o Todo-Poderoso me tem feito mal” \(Rute 1:21 \)](#)

Filosofias

O apóstolo Paulo orientou os cristãos a terem cuidado com a filosofia (gregos) e as tradições dos homens (judeus) para que não fossem enlaçados e presos (Cl 2:8), pois para estes o evangelho é escândalo e para aqueles loucura.

Apesar disso, escolas teológicas como a de David Friedrich Strauss cogitaram a ideia de que o apóstolo Paulo foi influenciado pela filosofia grega, e a escola de teologia de Tubinga presumia que o apóstolo dos gentios foi influenciado por

Sêneca[1], pensador Romano.

Considerando que o apóstolo Paulo ordenou aos cristãos que não entrassem pelo caminho da filosofia, e os próprios filósofos que estava no Areópago, em Atenas, entenderam como uma nova doutrina a mensagem da ressurreição dentre os mortos (At 17:32), não é muito difícil concluir que é incoerente afirmar que há uma correspondência de pensamento entre o apóstolo Paulo e o intelectual estoico Romano Sêneca ou que o estoicismo tenha relação com o evangelho de Cristo como argumentam alguns críticos do evangelho.

O evangelista Lucas registrou o questionamento dos filósofos epicureus e estoicos que queriam saber que nova doutrina era aquela anunciada pelo apóstolo Paulo (At 17:18 -19), o que leva à pergunta: Por que os atenienses classificariam a exposição do apóstolo Paulo de nova doutrina?

O mesmo não se pode afirmar com relação ao pensamento de Tertuliano, Orígenes[2], Jerônimo, Clemente de Alexandria[3], Tomás de Aquino, Agostinho, João Calvino, etc., pois há sim influencias helenística e correspondência de ideias com o estoicismo e outras correntes de pensamentos filosóficos como o platonismo e o aristotelismo.

Apesar do aviso paulino, já no primeiro século do cristianismo, vê-se influencias helenística nos escritos encontrados, e dentre eles destacamos a 'Didaquê', chamado de 'A doutrina dos doze apóstolos', uma espécie de catecismo redigido entre os anos 90 e 100, na Síria, na Palestina ou em Antioquia.

O Didaquê anuncia a existência de 'dois caminhos', e um leitor desavisado pode entender que o conteúdo filosófico desse catecismo equivale a parábola dos 'Dois Caminhos' anunciado por Jesus.

Jesus Cristo deixou claro que Ele é a porta estreita e o caminho estreito que conduz o homem a Deus, enquanto, a Didaquê não apresenta dois caminhos, mas um caminho com uma bifurcação[4]. Uma bifurcação remete a ideia de que o homem está em um caminho neutro e, dependendo de suas ações (se boas ou más) será salvo ou se perderá.

A parábola dos dois caminhos apresenta um caminho estreito e um caminho largo, ambos não se cruzam e conduzem a destinos distintos: perdição e salvação. Entrar ou estar no caminho largo não é resultado das ações do indivíduo. A

entrada pelo caminho largo se dá através do nascimento natural, de modo que, para entrar no caminho estreito é necessário decidir-se por Cristo, nascendo de novo.

Para o homem ser salvo deve mudar a sua concepção (arrependimento) acerca de como se adquire a salvação. À saber, abandonar todo e qualquer concepção que seja diferente de: a) anunciar (confessar) que Jesus é o Filho de Deus (Rm 10:9) e; b) crer no coração que Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos.

Adão é o primeiro de uma raça de homens naturais, gerados segundo a carne e o sangue, Cristo, o último Adão, por sua vez, é o primeiro de uma raça de homens espirituais, gerados pela 'água' e o 'espírito'.

Quando se compreende que Jesus é o último Adão, resta concluir que a porta larga pela qual todos os homens entram no mundo e seguem por um caminho largo que os conduz à perdição diz do primeiro homem: Adão. Adão pecou, conseqüentemente todos os seus descendentes se desviaram e juntamente se fizeram imundos (Sl 53:3 ; Rm 3:23 ; 1Co 15:21 -22).

A Didaquê segue outra abordagem, pois desconsidera a pessoa de Cristo como o caminho estreito e aponta imperativos de ordem moral como o caminho da vida. Na Didaquê lê-se uma lista enorme de vícios que são apontados como o caminho da morte.

Esta comparação entre 'Os dois caminhos' apresentado por Jesus e o que consta da Didaquê serve de alerta aos cristãos para não utilizar a Bíblia para dar respostas às questões de ordem ontológicas próprias à metafísica.

Por que não dar respostas teológicas às questões filosóficas? Porque resultará em vários paradoxos como o apresentado por Epicuro:

“Sendo Deus onisciente e onipotente, então conhecedor de todo o mal e com poder para eliminar o mal e não elimina, conclui-se que Ele não seja benevolente” Epicuro

Este artigo constitui-se uma análise do paradoxo de Epicuro à luz das Escrituras, demonstrando que as questões da filosofia não correspondem com as respostas que a Bíblia apresenta.

O paradoxo proposto por Epicuro

Define-se paradoxo como contradição lógica em declarações aparentemente verdadeiras. No caso em estudo, Epicuro entendeu que não havia como existir um Deus todo-poderoso e benevolente à vista do mal que assola o mundo.

Epicuro viu um trilema nos atributos de Deus e fez as seguintes proposições:

- Sendo Deus onisciente e onipotente, então conhecedor de todo o mal e com poder para eliminar o mal e não elimina, conclui-se que Ele não seja benevolente;
- Sendo Deus onipotente e onibenevolente, então com poder para extinguir o mal e, por ser bom, quer fazê-lo, mas não o faz, conclui-se que Ele não seja onisciente, ou por desconhecer o quanto de mal existe ou onde o mal está;
- Enquanto onisciente e omnibenevolente, então sabe de todo o mal que existe e quer mudá-lo, mas não o faz, conclui-se que Ele não seja onipotente.

O tal dilema/paradoxo tornou-se ferramenta argumentativa para aos ateus, e muitos filósofos fizeram uma releitura destes enunciados enfatizando uma contradição lógica. Dentre eles destacamos dois: Charles Bray, cita Epicuro em seu livro 'A Filosofia da Necessidade de 1863':

“Seria Deus desejoso de prevenir o mal mas incapaz? Portanto não é onipotente. Seria ele capaz, mas sem desejo? Então é malévolos. Seria ele tanto capaz quanto desejoso? Então por que há o mal?” Wikipédia <http://pt.wikipedia.org/wiki/Paradoxo_de_Epicuro> consulta realizada em 11/02/15.

Hume no seu aclamado 'Diálogos sobre a Religião Natural', publicado postumamente em 1779 no livro décimo, disse:

“O poder [de Deus] é infinito: o que quer que ele deseja é executado. Mas nem homem nem qualquer outro animal é feliz. Portanto ele não deseja sua felicidade. Sua sabedoria é infinita: ele nunca erra em escolher os meios para qualquer fim: mas o curso da natureza tende a ser contrário a qualquer felicidade humana ou animal: portanto não é estabelecido para tal propósito. Através de toda a história do conhecimento humano, não há inferências mais

certas e infalíveis do que estas. Em que ponto, portanto, sua benevolência e misericórdia lembram a benevolência e misericórdia dos homens?” Wikipédia

Epicuro (nasceu na ilha de Samos em 342 ou 341 a. C., e morreu em Atenas, em 271 ou 270 a. C) possivelmente teve contato com o material literário produzido pelos judeus helenizados de Alexandria, principalmente porque os judeus helenizados traduziram para o grego a Bíblia hebraica pelos idos dos séculos III a.C. e II a.C.

Na mitologia grega não havia deuses que favorecesse Epicuro a pensar um deus onipotente, onipresente, onisciente e benevolente. Provavelmente Epicuro desenvolveu suas ideias de ouvir dizer do Deus dos hebreus, porém, é bem provável que não tenha analisado propriamente as Escrituras.

Agora, deixando as especulações de lado, qual é a posição das Escrituras quando fala de Deus?

O que a Bíblia diz de Deus

O paradoxo de Epicuro tem por base três atributos da divindade, os quais são: onipotência, onisciência e onibenevolência (benevolência ilimitada).

Onipotência

Os teóricos designam onipotência ou ‘omnipotência’ (português europeu) um atributo exclusivo (incomunicável) da natureza de Deus por ser capaz de fazer tudo.

A Bíblia apresenta Deus como autossuficiente, ou seja, Aquele que não depende de ninguém. Ela também descreve Deus como Aquele que através da palavra do seu poder trouxe à existência todas as coisas, quer sejam visíveis ou invisíveis “Pela palavra do SENHOR foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da sua boca” (Sl 33:6 ; Cl 1:16 ; Hb 11:3).

Com relação ao evento da criação Deus criou céus e terra, e segundo o que Ele disse por intermédio do profeta Isaías, criará novos céus e nova terra (Is 65:17 e

22). Ou seja, Deus não dependeu de ninguém para trazer à existência todas as coisas e não dependerá de ninguém para trazer a existência novos céus e nova terra.

O dicionário Strog traz a seguinte definição do termo hebraico traduzido por todo-poderoso:

“H7703 - טַדַּד / טַדַּדְּ shadad (cha-dad) v. (propriamente) ser corpulento; (figurativamente) ser poderoso; (passivamente) ser inexpugnável; (por implicação) assolar; [uma raiz primitiva] - morto, destruir (-dor), opressor, usurpador, despojo (-ador), X absolutamente. Que fazem referência: H7706 - יָדַדְּ / יָדַדְּ Shadday (cha-dai) s. o Todo-Poderoso [De ‘shâddad, “ser forte” (H7703)’]” Dicionário Strong.

Ora, a Bíblia apresenta Deus como Todo-poderoso, mas isto não implica em dizer que Ele faz tudo! A Bíblia é clara:

- Deus não pode mentir “Em esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos” (Tt 1:2); “Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa; porventura diria ele, e não o faria? Ou falaria, e não o confirmaria?” (Nm 23:19);
- Deus não pode negar a si mesmo - “Se formos infiéis, ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo” (2Tm 2:13);
- Deus não pode mudar - “Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação” (Tg 1:17); “Porque eu, o SENHOR, não mudo; por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos” (Ml 3:6);
- Deus não pode deixar de existir “Não és tu desde a eternidade, ó SENHOR meu Deus, meu Santo? Nós não morreremos. Ó SENHOR, para juízo o puseste, e tu, ó Rocha, o fundaste para castigar” (Hc 1:12);
- Deus não pode fazer acepção de pessoas “E, abrindo Pedro a boca, disse: Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas” (At 10:34);
- Deus não pode perverter o juízo “Longe de ti que faças tal coisa, que mates o justo com o ímpio; que o justo seja como o ímpio, longe de ti. Não faria justiça o Juiz de toda a terra?” (Gn 18:25);
- Deus não pode ter o culpado por inocente e vice versa “O SENHOR é

tardio em irar-se, mas grande em poder, e ao culpado não tem por inocente; o SENHOR tem o seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés” (Nm 1:3).

Estas impossibilidades elencadas referem aos atributos ditos comunicáveis e incommunicáveis de Deus.

Para analisar o paradoxo aventado por Epicuro entre os atributos de Deus, primeiro é imprescindível entender o termo ‘omnipotência’ do ponto de vista filosófico. Para Epicuro um ser onipotente é aquele que detém todo poder para realizar tudo o que quiser. No entanto, o entrave tem início quando Epicuro faz especulações sobre o que Deus quer. Por entender que Deus deixou de fazer o que se especulou acerca da omnibenevolência de Deus, o filósofo concluiu equivocadamente que Deus não detém todo poder.

Ora, este pensamento tem por base uma lógica simplista visto que Deus pode realizar o que deseja, e não o que o homem especula ser o desejo de Deus! **“Nele, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados, conforme o propósito daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade”** (Ef 1:11).

O que o homem sabe acerca do desejo de Deus? Onde o filósofo se informou para declarar que o mal não poderia subsistir sendo Deus onipotente e bondoso? A vontade de Deus é jamais cometer injustiça, jamais contrariar a sua palavra, continuar imutável, etc., como se lê: **“Porque a palavra do SENHOR é reta, e todas as suas obras são fiéis. Ele ama a justiça e o juízo; a terra está cheia da bondade do SENHOR”** (Sl 33:4 -5).

O filósofo se equivoca quando estabelece que ser bom é realizar o que é agradável. O bom faz o que é reto e justo **“Mas o nobre projeta coisas nobres, e por nobres atos persevera”** (Is 32:8). Deus é bom porque providenciou resgate para o homem que ele criou e que se perdeu. É liberal, pois providenciou salvação para todos os homens e tem misericórdia de quem tiver misericórdia, ou seja, daqueles que O amam (Ex 20:6 e Ex 33:19).

Quando a Bíblia apresenta Deus como ‘Todo-poderoso’ está dizendo que Ele pode fazer tudo o que desejar fazer, daí o qualificativo todo-poderoso, portanto, altíssimo, inexpugnável, inatingível, inigualável, de modo que toda a criação subsiste n’Ele pela palavra do seu poder (At 17:28).

Jesus, quando respondeu ao diabo dizendo 'também está escrito', deixou-nos um parâmetro seguro de como ler e interpretar as Escrituras, pois há textos que demonstram que Deus é detentor de todo poder (Sl 62:11), portanto, inigualável, no entanto, Deus não tem em si o desejo de atentar contra a sua própria natureza e existência.

Um dos atributos que é próprio a natureza de Deus é a imutabilidade, e qualquer ação de Deus jamais atentará contra a sua imutabilidade, pois se for de maneira diversa, Ele deixará de ser imutável, conseqüentemente, deixaria de ser Deus.

Não poder mentir é uma fraqueza? Do ponto de vista da natureza humana tal capacidade é tida por virtude. Mas, quando Deus afirma que não pode mentir, significa que o poder de Deus não é infinito? Não poder mentir seria uma fraqueza? Não poder mentir atenta contra o seu poder? Não!

Esta 'impossibilidade' na verdade demonstram a imutabilidade, a fidelidade e a grandeza de Deus! Com relação ao poder de Deus, vale considerar que após Ele criar todas as coisas, não se cogita que ao final da criação que Ele tenha se enfraquecido ou que tenha ficado menos poderoso. Quando a Bíblia diz que Deus é todo poderoso e imutável, ela demonstra que tudo o que foi criado Deus é poderoso para fazer infinitamente muito mais, e o seu poder permanece inalterado.

Poder criar do nada todas as coisas é uma característica da Onipotência de Deus, e, não mentir é característica de outro atributo d'Ele. Não poder mentir não é falta de poder, antes diz de alguém que tem o poder de garantir a sua palavra, ou seja, faz parte da imutabilidade de Deus.

A questão: Deus onipotente realizaria uma ação que limitaria a sua capacidade de realizar ações? É desta pergunta que surge o aclamado 'paradoxo da pedra': "Pode um ser onipotente criar uma pedra que não consiga erguer?". Qual a resposta bíblica?

Sim! Em termos gerais o 'livre arbítrio' é uma 'pedra' que limita a ação de Deus, pois embora tenha providenciado salvação para todos os homens por desejar salvar a todos, Ele resignou-se salvar somente os que obedecem à verdade do evangelho "[Que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade](#)" (1Tm 2:4 ; Ex 20:6 e Ex 33:19).

É impossível o homem estar em comunhão com Deus a contragosto, pois para estar com Deus é necessário sujeitar-se voluntariamente ao seu mando. Ora, em Deus o homem encontra plena liberdade, condição completamente diferente da ideia de independência [“Ora, o Senhor é Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade”](#) (2Co 3:17).

Geralmente confunde-se ‘liberdade’ com ‘independência’. A liberdade só é possível entre partes que possuem comunhão, vínculo. Já a independência interrompe qualquer vínculo. Se há comunhão com Deus, há liberdade. Se há independência de Deus, perde-se a liberdade, pois o homem passa a ser prisioneiro do pecado.

Deus tem o poder de praticar todas as ações que não contrarie a sua natureza, que é santa, justa e boa! Deus é fiel à sua palavra e, como prometeu salvar o homem, providenciou salvação poderosa na casa de Davi para que permaneça justo e possa justificar os homens que obedeçam o evangelho.

No quesito salvação não há impossível para Deus! [“EIS que a mão do SENHOR não está encolhida, para que não possa salvar; nem agravado o seu ouvido, para não poder ouvir”](#) (Is 59:1). Porém Deus não salva aqueles que rejeitam a Cristo, não por fraqueza ou impossibilidade n’Ele. Na verdade Deus não salva aquele que rejeita a verdade do evangelho porque seu propósito é salvar os crentes pela loucura da pregação e, como a sua palavra é firme não declara justo o ímpio! [“Visto como na sabedoria de Deus o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação”](#) (1Co 1:21).

Deus é todo-poderoso conforme declarou Jó: [“Bem sei eu que tudo podes, e que nenhum dos teus propósitos pode ser impedido”](#) (Jo 42:2), um conceito diverso do que os filósofos cunharam no termo ‘onipotente’, o qual remete a uma ideia equivocada da magnitude do poder de Deus.

Deus tudo pode e nenhuns dos seus propósitos podem ser frustrados, o mesmo não pode ser dito da vontade do homem.

A vontade de Caim foi frustrada, pois queria oferecer um sacrifício e agradar a Deus, porém, ele foi rejeitado e a sua oferta também. Deus sabia quem, como e onde ocorreria o primeiro homicídio e alertou Caim, entretanto, Deus não interveio para parar a ação má de Caim.

Vale observar que o assassínio surgiu da ira que Caim alimentou (se inflamou muito) contra seu irmão (Gn 4:6). Deus alertou Caim quanto aos seus sentimentos, mas não interveio, visto que Caim possuía o livre arbítrio com relação as suas ações. E destacar que, se Caim procedesse bem, de igual modo não era aceito por Deus, pois não é através de boas ou más ações que Deus aceita o homem. Caim já nasceu escravo do pecado, ou seja, sob domínio do pecado, e por isso não era aceito e nem a sua oferta. Quando é dito que ‘o pecado jaz porta’, ‘porta’ assume o significado de local onde se exerce domínio.

Para se aproximar de Deus Caim devia crer que Deus é galardoador dos que O buscam, e não que Deus se agrada do homem quando apresenta uma oferta.

Mas, apesar de ser pecador, o desejo (foro íntimo) de Caim pertencia a ele, e não ao pecado, de modo que sobre as suas emoções e desejos devia exercer domínio (Gn 4:7).

Quando foi dado o livre-arbítrio ao homem, Deus resignou-se não intervir nos seus julgamentos internos, mesmo que resultasse no mal.

A especulação dos filósofos acerca da onipotência de Deus vislumbra uma divindade que esteja sujeita aos caprichos do homem.

Bondade

Com relação a ‘bondade’ de Deus, o paradoxo de Epicuro considera somente a bondade de Deus, e se esquece da severidade, como alerta o escritor aos Hebreus: **“Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas para contigo, benignidade, se permaneceres na sua benignidade; de outra maneira também tu serás cortado”** (Rm 11:22); **“Amái ao SENHOR, vós todos que sois seus santos; porque o SENHOR guarda os fiéis e retribui com abundância ao que usa de soberba”** (Sl 31:23).

Deus revelou a Moisés a quem Ele destina a sua ‘bondade’: **“E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos”** (Êx 20:6), e quando interpelado por Moisés para que fosse punido em lugar do povo que havia pecado, Deus respondeu que teria misericórdia de quem Ele tivesse misericórdia, ou seja, dos que O obedecem **“Porém ele disse: Eu farei passar toda**

a minha bondade por diante de ti, e proclamarei o nome do SENHOR diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem eu me compadecer” (Êx 33:19).

Dentre muitos atributos, a Bíblia utiliza o qualificativo ‘bom’ para descrever Deus. Neste sentido Jesus lembrou certo jovem que somente Deus é bom, como se lê: “Jesus lhe disse: Por que me chamas bom? Ninguém há bom, senão um, que é Deus” (Lc 18:19).

O termo hebraico traduzido por ‘bom’ atribuído a Deus teria os significados a seguir?

“טוב / טוב towb tob (to-be) adj. 1. bom (como adjetivo) no sentido mais amplo; 2. usado também como um substantivo, tanto no masculino como no feminino, o singular e plural (bom, uma coisa boa ou boa, um bom homem ou mulher; 3. os bons, os bens ou coisas boas, bons homens ou mulheres), também como um advérbio (bem); [de ‘towb, tob (H2895), “animar, fazer melhor, melhorar, tornar bom”] - bonito, melhor, melhor, mais generoso, alegre, à vontade, gracioso, alegre, amável, formoso” Dicionário Strong

Quando utilizado o termo ‘bom’ em nossos dias, a ideia massificada diz do que é bonito, melhor, mais generoso, alegre, à vontade, gracioso, amável, formoso. Poucos se recordam do tom aristocrático que o termo carrega em si, em que o termo ‘bom’ possui o sentido de superior, nobre, bem nascido, etc., em oposição ao inferior, vil, plebeu.

Quando a Bíblia apresenta Deus como ‘bom’, está demonstrando que Ele é superior, contrastando com a condição de suas criaturas alienadas d’Ele, que são descritas como más. Neste sentido Deus é ‘bom’, ‘verdade’, ‘justiça’, ‘luz’, etc., e estas definições não comportam gradação ou dualidade.

Deus é somente bom, ou seja, neste quesito Ele não agrega os dois valores em si: bom e mal. No sentido de Senhor, bom, nobre, etc., não comporta um adjunto adnominal de intensidade como ‘muito bom’, ‘pouco bom’, ‘quase bom’, etc.

Concomitantemente ao fato de Deus ser ‘senhor’, ‘bom’ (agathos), Ele também é conhecedor do bem e do mal, e este dois últimos são entes indissociáveis. Para compreender a natureza do conhecimento do bem e do mal, basta refletir sobre a natureza das ações, pois uma mesma ação pode ser boa ou má “Então disse o

Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal” (Gn 3:22).

Adão como criatura, enquanto em comunhão com Deus era bom, mas após a ofensa ao mandamento de Deus dado no Éden, passou a condição de mau e, concomitantemente, conhecedor do bem e do mal.

É neste quesito ‘condição’ que Jesus designou os seus interlocutores de maus, apesar de fazerem o bem aos seus semelhantes segundo o conhecimento do bem e do mal que dispunham (Lc 11:13). Os homens mesmo sendo maus (inferiores, vis, plebe) sabiam dar aos seus filhos pão em lugar de uma víbora.

Neste sentido, é necessário perceber que a condição de Adão e de todos os seus descendentes é ‘mentira’, contrastando com a natureza de Deus que é verdade “De maneira nenhuma; sempre seja Deus verdadeiro, e todo o homem mentiroso; como está escrito: Para que sejas justificado em tuas palavras, E venças quando fores julgado” (Rm 3:4); “Dizia na minha pressa: Todos os homens são mentirosos” (Sl 116:11).

Deus é bom porque é Senhor. Deus é bom porque é soberano. Deus é bom porque é pai. Estas três funções devem ser consideradas funcionalmente, conforme era própria à aristocracia, e não conforme a visão da sociedade de hoje, na qual o termo ‘Senhor’ deixou de ter a implicação de ‘dono’ para um significado amolecido ao longo da história da [humanidade](#), que diz de um simples ‘pronome de tratamento’.

O termo ‘senhor’ na antiguidade marcava o abismo social que havia entre o rei e seus súditos, o pai e o filho, o dono e os escravos. Na aristocracia grega (do grego ἀριστοκρατία, de ἀριστος (aristos), melhores; e κράτος (kratos), poder, Estado, ‘poder dos melhores’), os aristocratas eram designados ‘melhores’, ‘bons’, ‘senhores’, ‘distintos’, ‘escolhidos’.

O termo grego traduzido por ‘bom’ é ἀγαθός (agathos), derivado de outro termo com raiz correspondente: ‘Arete’. O termo ‘arete’ significa perfeição do ponto de vista funcional, ou seja, o termo não possui conotação moral, e tal designação apontava para a condição dos senhores como os ‘bons’.

“... continha em si a conjugação de nobreza e bravura militar (...) quase nunca tem o sentido posterior de ‘bom’, como arete não tem o de virtude

moral” Jaeger, Werner, Paideia, A Formação do homem Grego, tradução Artur M. Parreira, São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003. Pág. 27;

“Senhorio e arete estavam inseparavelmente unidos. A raiz da palavra é a mesma: ἀριστος, superlativo de distinto e escolhido...” Idem, Pág. 26;

“O poeta aconselha a que se evite o trato com os maus (kakoi), em que o poeta engloba todos os que não pertencem a uma estirpe nobre; por outro lado, também, nobres (agathos) só se acham entre seus iguais” Idem, pág. 244.

“... que significam exatamente, do ponto de vista etimológico, as designações para ‘bom’ cunhadas pelas diversas línguas? Descobri então que todas elas remetem à mesma transformação conceitual – que, em toda parte, ‘nobre’, ‘aristocrático’, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu ‘bom’, no sentido de ‘espiritualmente nobre’, ‘aristocrático’, de ‘espiritualmente bem-nascido’, ‘espiritualmente privilegiado’: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz ‘plebeu’, ‘comum’, ‘baixo’ transmutar-se finalmente em ‘ruim’” Nietzsche, Friedrich, Genealogia da moral – Uma polêmica, Tradução Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Pág. 18.

A raiz etimológica da palavra ‘agathos’ aponta para ‘alguém que é, que tem realidade, que é real, verdadeiro, o verdadeiro enquanto veraz’, designações que se aplicam a Deus, pois Ele é Senhor. Os termos ‘agathos’ e ‘arete’ eram empregados para levar adiante o lema da nobreza, de modo a distinguir o homem nobre daquele que era comum (Jaeger, Paideia, Pág. 19).

Quando compreendemos que os termos ‘bom’ e ‘mau’ podem fazer referência ao ser, enquanto ‘alguém que é’, perspectiva diferente da classificação que se faz moralmente em relação as ações e motivações do ser, conseguimos entender que o apóstolo Paulo apontou para a natureza de Deus ao dizer: - *“Seja Deus verdadeiro”*.

Temos aqui uma confissão, o apóstolo Paulo admitindo o que ele constatou ser verdade acerca de Deus. Seja Deus ‘verdadeiro’ é o mesmo que dizer: Ele é Senhor, distinto, nobre, etc., enquanto os homens são ‘ralé’ por não compartilharem da natureza do Criador

O significado de ‘verdadeiro’ e ‘mentiroso’ não possuem conotação moral e nem se referem às questões de caráter, antes aponta para a natureza “De maneira nenhuma; sempre seja Deus verdadeiro, e todo o homem mentiroso; como está escrito: Para que sejas justificado em tuas palavras, e venças quando fores julgado” (Rm 3:4 ; Sl 51:4).

Quando Jesus questiona os fariseus acerca do Messias, eles responderam que o Messias era filho de Davi. Em seguida Jesus questiona como o Messias poderia ser filho de Davi, se Davi o chama de Senhor? (Mt 22:45).

Quando é dito que Deus contempla com chuva tanto ‘maus’ quanto ‘bons’, percebe-se que o texto quer dizer que Deus trata grandes (nobres) e pequenos (vis), justo (crente) e injustos (descrente) de igual modo, ou seja, a abordagem não possui cunho moral ou de caráter “Porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos” (Mt 5:45).

Os maus e os bons que foram ajuntados para a festa nupcial, não faz referencia aos ladrões, prostitutas, etc., ou aos religiosos, antes tem o sentido de ‘vis’ e ‘nobres’, ‘pequenos’ e ‘grandes’, demonstrando que o Senhor da parábola não faz acepção de pessoas “E os servos, saindo pelos caminhos, ajuntaram todos quantos encontraram, tanto maus como bons; e a festa nupcial foi cheia de convidados” (Mt 22:10).

Após compreender a bondade pertinente a Deus, resta esclarecer que, além de ser ‘nobre’, Deus também é conhecedor do bem e do mal “Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós, sabendo o bem e o mal” (Gn 3:22).

Quando lemos o Salmo 8, que diz: “Ó SENHOR, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome em toda a terra, pois puseste a tua glória sobre os céus!” (Sl 8:1), o termo hebraico traduzido por ‘admirável’ aplica-se aos nobres, como se verifica:

“0117 אֲדִיר ’addiyr ad-deer’ procedente de 142; DITAT - 28b; adj 1) grande, majestoso 1a) referindo-se às águas do mar 1b) referindo-se a uma árvore 1c) referindo-se aos reis, nações, deuses, príncipes 2) grandioso, majestoso 2a) referindo-se aos nobres, chefes de tribos, servos” Dicionário Strong.

Agora, conhecendo a essência do termo, quando lemos o verso 4 do Salmo 93, temos a real dimensão da nobreza de Deus: “Mas o SENHOR nas alturas é mais poderoso do que o ruído das grandes águas e do que as grandes ondas do mar” (

Sl 93:4).

"04791 מרום marowm procedente de 7311; DITAT - 2133h; n m 1) altura 1a) altura, elevação, lugar elevado 1a1) num lugar elevado (adv) 1b) altura 1c) orgulhosamente (adv) 1d) referindo-se aos nobres (fig.)" Dicionário Strong.

O Senhor nas alturas está acima dos nobres (senhores) da terra, e é maior em poder que todos os reinos e nações!

Com relação à 'bondade' de Deus resta analisar o verso seguinte:

"Porém ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti, e proclamarei o nome do Senhor diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem eu me compadecer" (Êx 33:19).

Ora, Moisés pediu para que Deus mostrasse a sua glória, e a resposta de Deus foi que passaria a sua 'bondade' diante dele. Que relação há entre a 'gloria' e a 'bondade' de Deus? Que conexão há entre o que foi pedido e o que foi mostrado?

O termo hebraico traduzido por 'bondade' no verso pode ser traduzido por:

"02898 טוב tuwb procedente de 2895; DITAT - 793b; n m 1) bens, coisas boas, bondade 1a) coisas boas 1b) bens, propriedade 1c) justiça, beleza, alegria, prosperidade, bondade (abstrato) 1d) bondade (referindo-se a gosto, discernimento) 1e) bondade (de Deus) (abstrato)" Dicionário Strong.

Este mesmo termo é empregado em Provérbios, onde se lê:

"No bem dos justos exulta a cidade; e perecendo os ímpios, há júbilo" (Pv 11:10).

O termo 'bem' no versículo refere-se às riquezas materiais, bem moral, bem estar, benefício, coisas boas, prosperidade, felicidade, generosidade, etc.? Absolutamente não!

Na verdade o termo é utilizado no provérbio para fazer referência à distinção, à nobreza do governante justo, contrastando com o ímpio quando destituído da sua posição *"Quando os justos se engrandecem, o povo se alegra, mas quando o ímpio domina, o povo geme"* (Pv 29:2).

Ex.: A morte de Atalia trouxe alegria aos habitantes da cidade, pois ficaram livres de um governo ímpio e, simultaneamente passaram a proteção de um rei justo “E todo o povo da terra se alegrou, e a cidade repousou, depois que mataram a Atalia, à espada, junto à casa do rei” (2Rs 11:20).

Provérbios 29, verso 12 repete a ideia de provérbios 28, verso 12: “Quando os justos exultam, grande é a glória; mas quando os ímpios sobem, os homens se escondem” (Pv 28:12).

Os versos afirmam que:

- Quando os justos se alegram há grande glória? ou;
- Quando os justos se engrandecem (grande glória)?

Ora, o paralelismo[5] que é próprio às poesias e provérbios hebraicos nos leva a concluir pelo conseqüente dos dois versos que o povo se alegra quando os justos estão no poder, contrastando com os ímpios quando estão no poder. Ora, quando os ímpios galgam o poder os homens se escondem, mas quando os justos se estabelecem no poder há júbilo no povo “Então Mardoqueu saiu da presença do rei com veste real azul-celeste e branco, como também com uma grande coroa de ouro, e com uma capa de linho fino e púrpura, e a cidade de Susã exultou e se alegrou” (Es 8:15).

A melhor do verso 12 de provérbios 28 é:

“Quando os justos triunfam há grande glória; mas quando os ímpios sobem, os homens se escondem” (Pv 28:12) – Almeida Revisada – Imprensa Bíblica.

Voltemos ao pedido de Moisés, e na resposta divina.

O que Deus se propôs revelar está em consonância com o que Moisés pediu, e a glória de Deus é o mesmo que ‘bondade’, entendimento que os lexicógrafos adotaram segundo uma visão romântica.

Na verdade o que iria ser revelado a Moisés não possuía relação com uma bondade abstrata, antes tinha relação com o poderio, a majestade, a magnificência de que é verdadeiro enquanto veraz, nobre, distinto.

É bem provável que em nosso vocabulário[6] tão distante das sociedades aristocráticas ou monárquicas não possua um termo que se possa traduzir as

várias nuances pertinentes ao termo hebraico טוב (tuwb).

Este é um provérbio que evidencia uma característica própria às sociedades antigas, que poucos conhecem:

“Por três coisas se alvoroça a terra; e por quatro que não pode suportar: Pelo servo, quando reina; e pelo tolo, quando vive na fartura. Pela mulher odiosa, quando é casada; e pela serva, quando fica herdeira da sua senhora” (Pv 30: 21 -23).

Ora, o que Deus fez passar diante de Moisés foi toda pujança, poderio, a essência da Sua glória. Dos ricos e poderosos a pujança são os bens, as riquezas, elementos que aponta para a prosperidade, o ‘bem’ que distingue os nobres dentre os comuns dos homens.

Em seguida destaca-se o nome de Deus, que é ‘invocado’ por Deus diante de Moisés, o que é peculiar aos nobres[7], aos bem nascidos, o que por si só representa a glória de quem é o que é: verdadeiro enquanto veraz[8].

Através dos elementos ‘bondade’ e ‘nome’ que consta deste verso, verifica-se o conceito ‘bom’ que se aplica a Deus. Daí vale considerar:

- Que a ‘bondade’ de Deus é o mesmo que a Sua ‘glória’: “Porém ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti, e proclamarei o nome do SENHOR diante de ti (...) E acontecerá que, quando a minha glória passar...” (Ex 33:19 e 22).
- Que os homens devem conhecer a Deus como único e verdadeiro “E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17:3)
- Que a glória de Cristo estava na incumbência que recebeu ainda antes da fundação do mundo (Jo 17:6), missão esta de manifestar o nome de Deus aos homens “E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer (...) Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste; eram teus, e tu mos deste, e guardaram a tua palavra (...) Pai, aqueles que me deste quero que, onde eu estiver, também eles estejam comigo, para que vejam a minha glória que me deste; porque tu me amaste (ordem, incumbência de uma função)

antes da fundação do mundo (...) E eu lhes fiz conhecer o teu nome, e lho farei conhecer mais, para que o amor com que me tens amado esteja neles, e eu neles esteja” (Jo 17:3 -4 e 6 e 24 e 26);

- Que no Antigo Testamento as pessoas eram convocadas por sua função “DEPOIS falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Eis que eu tenho chamado por nome (ou seja, o chamou por sua função, de saber mexer com metais) a Bezalel, o filho de Uri, filho de Hur, da tribo de Judá, e o enchi do Espírito de Deus, de sabedoria, e de entendimento, e de ciência, em todo o labor” (Êx 31:1 -3);
- Que a tradução literal de ‘e proclamarei o nome do Senhor diante de ti’ é: ‘e invocarei o nome de YHWH’ (Ex 33:19);
- Que o termo ‘invocação’ pode significar: *“s.f. Ação de invocar, de chamar por alguém; Chamamento; pedido de socorro; rogo; Ato de aduzir (trazer) como prova do que se diz; Súplica do poeta a uma divindade, a uma musa, para pedir inspiração; Liturgia Consagração, dedicação, proteção: igreja colocada sob a invocação da Virgem Maria”* Dicionário Informal Web - grifo nosso;
- Que em Êxodo 33, verso 17 o termo hebraico אָוָּם: traduzido por ‘nome’ na frase: “e te conheço por nome” possui um significado mais amplo: “em nome de”, no sentido de ‘te conheço por tua função’. O ‘nome’ diz da função que alguém desempenha e não o substantivo que dá nome a alguém;

O verso: “Portanto o mesmo Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel” (Is 7:14), verifica-se que a ênfase não está no nome (e ele se chamará Emanuel), e sim no nome (e chamará o seu nome Emanuel), destacando a função do menino: ser o Emanuel;

Que a profecia fazia referência a João Batista como Elias, visto que a função de ambos era idêntica: ‘converte o coração dos pais aos filhos’, e que João Batista se apresentava pela função que estava exercendo “Disse: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías” (Jo 1:23); “Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR” (Ml 4:5); “E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir” (Mt 11:14).

Ao dizer que ‘proclamaria o nome do Senhor’ diante de Moisés, Deus estava

jurando por Si mesmo como fez a Abraão “Dizendo: Certamente, abençoando te abençoarei, e multiplicando te multiplicarei (...) Por isso, querendo Deus mostrar mais abundantemente a imutabilidade do seu conselho aos herdeiros da promessa, se interpôs com juramento” (Hb 6:14 e 17).

No ato de fazer passar a Sua glória diante de Moisés, Deus estava apresentando o fato de ser Deus como garantia. Deus ‘passar a Sua bondade’ (glória) e Deus ‘invocar o Seu nome’ não são coisas distintas, pois a glória e o nome englobam os atributos e a função (o nome = função = de Deus é ser Deus), certo é que Deus mostraria que é o ‘Eu sou’ ao deixar ver a sua glória.

Quando Deus diz a Moisés: “Te conheço por nome” (Ex 33:17), destaca a função de Moisés: “Vem agora, pois, e eu te enviarei a Faraó para que tires o meu povo (*os filhos de Israel*) do Egito” (Ex 3:10), e: “E Moisés disse ao SENHOR: Eis que tu me dizes: Faze subir a este povo, porém não me fazes saber a quem hás de enviar comigo; e tu disseste: Conheço-te por teu nome, também achaste graça aos meus olhos” (Ex 33:12).

Quando Deus desceu em uma nuvem e se pôs próximo de Moisés ‘invocou’ o Seu nome como havia prometido anteriormente diante de Moisés (Ex 33:19). Deus passou diante de Moisés e ‘invocou’ como prova da Sua glória as seguintes funções que desempenha para com o homem:

“O SENHOR, o SENHOR Deus, misericordioso e piedoso, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade; Que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade, e a transgressão e o pecado; que ao culpado não tem por inocente; que visita a iniquidade dos pais sobre os filhos e sobre os filhos dos filhos até à terceira e quarta geração” (Ex 34:6 - 7).

Diante da glória manifesta de Deus e das funções que Ele desempenha, Moisés inclinou a cabeça à terra e adorou.

Neste mesmo sentido é apresentado o nome do Emanuel pela função que Ele havia de desempenhar: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Is 9:6).

O bem e o mal

O conhecimento do bem e do mal não altera a natureza de quem o possui:

- Deus é bom (nobre) e conhecedor do bem e do mal;
- O homem é mau (inferior, vil) e conhecedor do bem e do mal.

Deus é imutável e para todo o sempre bom e, concomitantemente conhecedor do bem e do mal. O homem, por sua vez, era bom (nobre=ligado a Deus=participante da sua natureza), pois assim foi criado, mas ao desobedecer o mandamento de Deus, tornou-se mau (inferior) e conhecedor do bem e do mal.

Quando Adão desobedeceu ao Criador alterou a sua natureza para vil (má), e concomitantemente adquiriu o conhecimento do bem e do mal. Agora, para tornar-se nobre (bom), o homem precisa 'nascer de novo', ou seja, de uma semente incorruptível, e mesmo após tornar-se uma nova criatura, permanecerá conhecendo o bem e o mal.

Vale destacar que o conhecimento do bem e do mal não se trata de uma dualidade (bem versus mal ou nobreza versus plebeus) como muitas religiões apregoam. O conhecimento do bem e do mal que estão intrinsecamente ligados difere da essência boa ou má pertinente à natureza, porque enquanto o conhecimento bem e mal estão intimamente vinculados, visto que uma mesma ação pode ser boa e má, com relação a natureza ou é boa (nobre, ligado a Deus) ou é má (vil, desligada de Deus).

O que nos mostra isso é o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. O fruto da árvore era do conhecimento do bem e do mal, de modo que ao ser participante do fruto, não havia como Adão comer somente o bem e rejeitar o mal. Assim como a laranja é agridoce, o fruto da árvore que estava no meio do jardim era do bem e do mal.

A condenação da humanidade não é proveniente do conhecimento do bem e do mal, antes é decorrente da desobediência ao mandamento de Deus. No Éden Adão pecou, foi julgado e apenado com a morte: separação de Deus. A condenação foi estabelecida no Éden, e os homens precisam de salvação hoje, o tempo sobre modo oportuno e aceitável diante de Deus é hoje (Rm 5:16 ; Jo 3:18 ; Hb 4:16 ; 2Co 6:2).

As religiões apregoam que o homem deve fazer boas ações para não serem

condenados no futuro. A Bíblia demonstra que o homem precisa de salvação hoje porque foi condenado no passado. Embora sob condenação, o homem perdido pode realizar boas ações, mas boas ações não livra o homem da condenação.

A queda de Adão se deu pela desobediência, e não pelo conhecimento do bem e do mal que agregou. Guiar-se através do conhecimento do bem e do mal não muda a natureza decaída. Somente através da obediência ao evangelho o homem repara a ofensa do Éden.

Muitos questionam a 'bondade' de Deus a vista do mal que há no mundo, mas se esquecem que no mundo há tanto o mal quanto o bem. Por que não questionam a 'bondade' de Deus à vista de todas as boas ações que os homens podem fazer e as coisas boas que a natureza proporciona?

Deus soberano entregou o domínio da terra ao homem, como se lê: **“E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra”** (Gn 1:26).

Uma coisa é certa: Deus é bom (nobre) e não é a maldade dos homens que fará com que Deus tome indevidamente o domínio que Ele deu ao homem. Para que Deus obtivesse o domínio da terra novamente, enviou o seu Filho Unigênito para que, como homem conquistasse o direito de dominar sobre a terra, o que segundo a Bíblia ocorrerá em breve **“E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel”** (Mt 19:28); **“Dizendo: Graças te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir, que tomaste o teu grande poder, e reinaste”** (Ap 11:17).

Deus é bom quando traz a existência um homem ao mundo, e Ele permanece bom quando este mesmo homem desce ao pó da terra. Na verdade, as adversidades da vida tem um propósito singular: **“No dia da prosperidade goza do bem, mas no dia da adversidade considera; porque também Deus fez a este em oposição àquele, para que o homem nada descubra do que há de vir depois dele”** (Ec 7:14).

Deus é bom quando preservou os habitantes da cidade de Ninive (Jn 4:11), e igualmente bom quando destruiu as cidades de Sodoma e Gomorra (Gn 19:24). Ora, por Deus ser bom (nobre) é que ele age da seguinte forma: **“Com o benigno**

te mostras benigno; com o homem íntegro te mostras perfeito. Com o puro te mostras puro; mas com o perverso te mostras rígido” (2Sm 22:26 -27).

Geralmente quando se dá as catástrofes naturais e as mazelas decorrentes das misérias sociais é que os homens questionam a bondade de Deus.

Deus deixou leis firmes que regem a interação dos planetas, mares, ventos e do solo. Como o homem sabe ler os tempos e as estações, deve se precaver para não ser pego de surpresa pelas intempéries do planeta.

Deus também estabeleceu uma lei para as questões relativas a subsistência dos homens, lei que se aplica a todos *“aquilo que o homem plantar isso também ceifará”* (Gl 6:7). A miséria desencadeada pelas injustiças socioeconômicas é causada pelos homens, e não pelas leis de Deus, pois o homem colhe o que planta. Deus é benevolente e justo com todos os homens, pois se o homem colhe o que planta, também necessita de sol e chuva, e Deus faz nascer o sol e chover sobre todos.

A bondade de Deus não é segundo os sentimentos pertinentes ao homem, ou seja, em demonstração de afeto e estima em relação a alguém. A bondade de Deus se verifica no cumprimento da sua palavra, pois o que Ele prometeu cumpre *“Por amor do meu nome retardarei a minha ira, e por amor do meu louvor me refrearei para contigo, para que te não venha a cortar”* (Is 48:9).

Deus é longânime e benevolente ao ‘tardar’ a sua ira, mas essa boa vontade para com os perdidos é pelo zelo do seu nome *“E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para a perdição”* (Rm 9:22).

Suportar pacientemente os que se opõe a verdade do evangelho é benevolência, mas isto não significa que ele tenha retardado o juízo, pois todos os homens descendentes da carne de Adão estão sob condenação. O juízo já ocorreu e o homem foi apenado com a morte, só não conseguem ver *“Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida”* (Rm 5:18).

Os descendentes de Adão são os maus e merecedores da ira de Deus, mas Ele é gracioso que oferece redenção aos que creem em seu Filho como salvador. Não

importa se estes descendentes de Adão sejam pessoas moralmente boas, ou moralmente reprováveis. O juízo de Deus é idêntico sobre Adolf Hitler ou a madre Teresa de Calcutá: ambos nasceram sob condenação, vasos da ira e preparados para a perdição.

A benevolência de Deus é revelada na promessa do seu Filho que veio ao mundo, e todos quantos n'Ele crê são gerados de novo, participante da natureza divina. Moralmente reprováveis ou não, qualquer que nasce de novo é vaso de honra, preparado para vida eterna. Isto significa que não são as boas ou as más ações que afastam ou aproximam o homem de Deus.

O que afastou a humanidade de Deus foi a desobediência de Adão e o que aproxima o homem de Deus é a obediência do último Adão, que é Jesus Cristo. Em Cristo há uma substituição de ato, obediência pela desobediência, e todo aquele que n'Ele crê morre com Cristo por causa do pecado e nasce de novo para justificação, ou seja, é declarado justo por Deus, livre da condenação estabelecida no primeiro Adão.

Além do juízo de Deus estabelecido lá no Éden, haverá também um julgamento de obras, onde todos os homens serão julgados segundo as intenções dos seus corações na prática de algo. Os salvos em Cristo serão julgados no Tribunal de Cristo e os perdidos serão julgados no Grande Trono Branco.

Os filósofos alardeiam que o mal existe, e que o mal depõe contra a existência de um Deus soberano (bom) e benevolente.

Analisando o tal 'problema do mal', não há um consenso entre os filósofos sobre o que é o mal. Para alguns, se é algo não desejável, ou desagradável, diz do mal. Para outros, o mal está no vício, em oposição as virtudes. Dependendo da cultura, o mal é personificado em uma entidade maligna, ou quando é um pensamento contrário a crença comum.

De que mal fez referência Epicuro e Charles Bray? O que é desagradável? Uma entidade? Os vícios?

Seria o mal a ausência de felicidade como argumentou Hume? Com que fundamento Hume afirma categoricamente que não há homem feliz nem qualquer outro animal feliz? Hume era dotado de onisciência? O curso da natureza é contrário à felicidade do homem, ou o homem quando rema contra o curso natural

da natureza acaba atentando contra a sua própria felicidade? Hume estaria falando de alegria ou felicidade?

Se tomarmos felicidade com um estado do indivíduo de bem-estar, satisfação, serenidade, auto confiança e satisfação diante das consequências das suas decisões, quer sejam elas acertadas ou não, Hume teria razão em afirmar que ninguém é feliz? Se tomarmos a definição de alegria, que é o transbordamento circunstancial das emoções (êxtase), que se comparado a felicidade, esta está vinculada à essência do indivíduo e aquela ao momento de certos eventos, por certo que existem pessoas felizes.

Quem pode afirmar categoricamente que há bem ou que há mal em um sorriso? Um sorriso não é uma das expressões de um estado de espírito feliz? Que mal pode haver em um sorriso? Mas, dependendo do momento que alguém esboça um sorriso poderá causar mal.

Um pai quando castiga o seu filho está fazendo o bem ou mal? Ora, é certo que o momento do castigo parece ser de tristeza, e se considerarmos o argumento de Hume, por certo o castigo é mal. Mas, quando compreendemos no que resulta a repreensão, o castigo pode ser considerado como mal? [“E, na verdade, toda a correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas depois produz um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela” \(Hb 12:11 \)](#).

Quem dá esmola faz o bem? Ora, no momento que alguém dispensa alguns trocados ao pedinte será retribuído com um sorriso de felicidade, mas, a mesma esmola faz com que o pedinte resigne a continuar na miséria. Dar esmola não é mal?

Para os filósofos posteriores a Hume fica a questão de Friedrich Nietzsche sobre a valoração aristocrática (bom, mal) e a transvaloração[9] sacerdotal que verte em 'bom' o que antes era mal e, em ruim, o que antes era bom. Hume considerou a felicidade[10] dos 'bem-nascidos', como apontou Nietzsche?

Questionar ou não a bondade de Deus à vista das mazelas que atinge a humanidade não torna Deus menos bom ou mais bom. Ele é o que é: verdadeiro, bom, nobre, distinto!

Agora, quanto a Deus recompensar os homens que O invocam, e os que não o invocam, há somente duas formas de Deus trata-los: para os que não o invocam

vergonha eterna, e para os que o invocam vida eterna, pois “... se a nossa injustiça for causa da justiça de Deus, que diremos? Porventura será Deus injusto, trazendo ira sobre nós? (Falo como homem) De maneira nenhuma; de outro modo, como julgará Deus o mundo?” (Rm 3:5 -6).

Se o homem pratica o que é justo diante de Deus[11] será recompensado com vida. Enquanto permanecer na sua justiça a ‘intenção’ de Deus para com o indivíduo é para o bem. Mas, se tal homem deixar a sua justiça e se aproximar a iniquidade, a ‘intenção’ de Deus para o mesmo indivíduo é para mal.

Daí o alerta solene do apóstolo Paulo: “Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas para contigo, benignidade, se permaneceres na sua benignidade; de outra maneira também tu serás cortado” (Rm 11:22).

Quando lemos que Deus é pronto a perdoar e abundante em benignidade, não significa que Deus é complacente, tolerante ou condescendente com a impiedade. A benignidade de Deus é abundante para aqueles que O invocam, mas se o indivíduo não invoca a Deus, resta a severidade “Pois tu, Senhor, és bom, e pronto a perdoar, e abundante em benignidade para todos os que te invocam” (Sl 86:5).

Este aspecto da benignidade de Deus é imutável, sem ‘arrependimento’: perdão aos que invocam e severidade aos rebeldes.

É em função da justiça de Deus que Ele tratou o povo de Israel segundo o conhecimento do bem e do mal, conforme se lê: “Porque assim diz o Senhor DEUS: Quanto mais, se eu enviar os meus quatro maus juízos: a espada, a fome, as feras, e a peste, contra Jerusalém, para cortar dela homens e feras?” (Ez 14:21).

O mal que Deus enviaria contra Jerusalém diz de calamidade, desgraça. É neste aspecto que, quando Deus faz referência a Ciro como um escolhido para abater as nações, é dito: “Eu formo a luz, e crio as trevas; eu faço a paz, e crio o mal; eu, o SENHOR, faço todas estas coisas” (Is 45:7), ou seja, Deus levantou em desfavor da nação de Israel aflição, miséria, ferida, calamidade, adversidade, porém, através de Ciro foi concedido a oportunidade de Israel reedificar a cidade destruída pelos babilônios (Is 45:13).

Ora, com relação ao conhecimento do bem e do mal é dito que Deus se

'arrepende', como se lê: "Então o SENHOR arrependeu-se do mal que dissera que havia de fazer ao seu povo" (Êx 32:14).

Se o homem não teme a Deus o mal está determinado, mas se temer, Deus se arrepende do mal. Na verdade é o homem que faz mal a sua alma quando não obedece ao Criador "Mataram-no, porventura, Ezequias, rei de Judá, e todo o Judá? Antes não temeu ao SENHOR, e não implorou o favor do SENHOR? E o SENHOR não se arrependeu do mal que falara contra eles? Nós, fazemos um grande mal contra as nossas almas" (Jr 26:19).

Isto significa que Deus possui duas medidas para tratar com o homem: sendo o homem justo receberá a vida, mas sendo o homem ímpio, a morte.

Quando o homem é justo, ou seja, procede conforme a verdade, a proposta de Deus é premiá-lo com a vida (Ez 18:5 e 9), mas, se tal homem desviar-se da verdade (cometendo assim injustiça), Deus se 'arrepende' do bem que faria, e esse homem morrerá (Ez 18:24).

O 'arrependimento' de Deus não é igual ao arrependimento do homem, que é mudança de conceitos, mudança de concepção. O homem se arrepende (muda de concepção acerca de uma matéria) porque não conhece tudo acerca do assunto, portanto, constantemente precisa rever os seus conceitos.

O 'arrepender-se' de Deus é no sentido de não mentir, por isso é dito que não é o homem para que se 'arrependa' (voltar atrás com sua palavra) "E também aquele que é a Força de Israel não mente nem se arrepende; porquanto não é um homem para que se arrependa" (1Sm 15:29).

Quando se lê que Deus não mente e não se arrepende, não temos conceitos distintos. A ideia é que Deus não mente, não muda, não volta atrás a sua palavra, pois Ele não se engana.

O termo hebraico que se traduz por 'arrependimento' é:

"05162 חנן nacham uma raiz primitiva; DITAT - 1344; v 1) estar arrependido, consolar-se, arrepender, sentir remorso, confortar, ser confortado 1a) (Nifal) 1a1) estar sentido, ter pena, ter compaixão 1a2) estar sentido, lamentar, sofrer pesar, arrepender 1a3) confortar-se, ser confortado 1a4) confortar-se, aliviar-se 1b) (Piel) confortar, consolar 1c) (Pual) ser

confortado, ser consolado 1d) (Hitpael) 1d1) estar sentido, ter compaixão 1d2) lamentar, arrepender-se de 1d3) confortar-se, ser confortado 1d4) aliviar-se” Dicionário Strong.

Devemos observar que Deus se ‘arrependeu’ de haver posto Saul por rei, visto que deixou de seguir a Deus **“Arrependo-me de haver posto a Saul como rei; porquanto deixou de me seguir, e não cumpriu as minhas palavras. Então Samuel se contristou, e toda a noite clamou ao SENHOR”** (1Sm 15:11).

Por que é dito que Deus se arrependeu? Porque Deus se entristeceu, se ‘ressentiu’ da postura de Saul diante da ordem que lhe dera (Dt 32:21 ; Rm 10:9). A atitude de Saul estava inviabilizando o cumprimento da promessa feita a Moisés **“Então disse o SENHOR a Moisés: Escreve isto para memória num livro, e relata-o aos ouvidos de Josué; que eu totalmente hei de riscar a memória de Amaleque de debaixo dos céus”** (Êx 17:14).

Reinar para sempre estava condicionado a Saul seguir a Deus obedecendo-O, de modo que Saul foi destituído do trono de Israel. Por mais que Saul rogasse a Deus, neste quesito Deus jamais voltaria atrás, pois Saul não obedeceu **“Então disse Samuel a Saul: Procedeste nesciamente, e não guardaste o mandamento que o SENHOR teu Deus te ordenou; porque agora o SENHOR teria confirmado o teu reino sobre Israel para sempre; Porém agora não subsistirá o teu reino; já tem buscado o SENHOR para si um homem segundo o seu coração, e já lhe tem ordenado o SENHOR, que seja capitão sobre o seu povo, porquanto não guardaste o que o SENHOR te ordenou”** (1Sm 13:13 -14).

O que aconteceu com Esaú aconteceu também com Saul, pois este foi rebelde a voz de Deus e perdeu o direito ao trono de Israel e aquele perdeu o direito de primogenitura quando vendeu **“Porque bem sabeis que, querendo ele ainda depois herdar a bênção, foi rejeitado, porque não achou lugar de arrependimento, ainda que com lágrimas o buscou”** (Hb 12:17). A primogenitura passou a ser direito de Jacó e, por mais que Esaú tenha chorado inconsolavelmente, não havia como ocupar a posição de primogênito. Neste quesito Deus jamais voltaria atrás, retirando o que era de direito a Jacó para conceder a Esaú.

No quesito salvação quem se ‘arrependimento’ é o homem pela multidão das misericórdias que há em Deus, de modo que, se o pecador se ‘arrepende’, Deus concede salvação (Mt 24:13). Se o pecador não se arrepende, permanecerá na

perdição “Bem pode ser que ouçam, e se convertam cada um do seu mau caminho, e eu me arrependa do mal que intento fazer-lhes por causa da maldade das suas ações. Dize-lhes pois: Assim diz o SENHOR: Se não me derdes ouvidos para andardes na minha lei, que pus diante de vós, Para que ouvísseis as palavras dos meus servos, os profetas, que eu vos envio, madrugando e enviando, mas não ouvistes; Então farei que esta casa seja como Siló, e farei desta cidade uma maldição para todas as nações da terra” (Jr 26:3 -6).

Deus não muda e nem se arrepende, conforme está escrito: “Porém ele disse: Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti, e proclamarei o nome do Senhor diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem eu me compadecer” (Êx 33:19).

Na passagem: *“e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem eu me compadecer”*, ‘misericórdia’ é o mesmo que ‘agraciar’. No contexto a misericórdia está em Deus mostrar a sua glória, conforme está escrito: “O SENHOR faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti” (Nm 6:25).

Moisés momentos antes pediu para que Deus se manifestasse não somente para ele, mas também para o povo, ou seja, Moisés pede para Deus mostrar Sua glória para ele e o povo. Entretanto, apesar de Deus atender o pedido de Moisés, esclarece que que mostraria a Sua glória a quem quisesse.

E a quem Deus quer mostrar a sua glória? Aos que obedecem (amam) a Deus, ou seja, guardam o seu mandamento “E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos” (Êx 20:6).

Conclusão

Compreendendo a mensagem bíblica os paradoxos se dissipam. O raiar do conhecimento que há nas Escrituras dissipa toda nevoa da ignorância. Diante do conhecimento da verdade fica evidente que o paradoxo de Epicuro procede de uma má compreensão do que vem a ser a bondade de Deus.

A bondade de Deus está ligada à sua natureza nobre e à sua justiça, e não significa isenção de punição ou castigo, pois Ele castiga a todos que recebe por

filhos para instruí-los e os injustos reserva o dia do juízo “Porque o Senhor corrige o que ama, E açoita a qualquer que recebe por filho” (Hb 12:6); “Assim, sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos, e reservar os injustos para o dia do juízo, para serem castigados” (2Pd 2:9); “Eis que bem-aventurado é o homem a quem Deus repreende; não desprezes, pois, a correção do Todo-Poderoso” (Jó 5:17).

Deus é onipresente, onisciente, onipotente e bom (supremo). Nada escapa aos olhos de Deus: “E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar” (Hb 4:13). Embora Deus se resignou não intervir nas decisões dos homens dando-lhes o livre arbítrio, Ele é todo-poderoso, pois tudo criou e faz o que lhe apraz.

Deus estabeleceu leis justas, portanto, é o homem quem provoca seu próprio mal (infortúnios, catástrofes, doenças, guerras, etc.). O homem pratica ações más pelo livre-arbítrio que dispõe, mas de tudo Deus pedirá conta “O que é, já foi; e o que há de ser, também já foi; e Deus pede conta do que passou” (Ec 3:15).

O homem foi criado perfeito (santo, justo e bom) em perfeita comunhão com o Criador. Quando pecou, o homem perdeu a perfeição e a comunhão, um mal irreparável por parte do homem. A bondade, benevolência e benignidade de Deus se revela quando Ele proveu salvação poderosa na casa de Davi a todos os homens que, por natureza estavam destinados a morte.

Além das obras da criação, Deus quis salvar os homens. Salvar-se a si mesmo é impossível aos homens, mas graciosamente Deus quis salvá-los e salva todos que Lhe obedecem! “Os seus discípulos, ouvindo isto, admiraram-se muito, dizendo: Quem poderá pois salvar-se? E Jesus, olhando para eles, disse-lhes: Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível” (Mt 19 :25 -26).

[1] *“A chamada história geral da religião abordou a influência religiosa estrangeira no Cristianismo primitivo numa frente mais ampla, mas também afluou a influência dos Gregos. Por outro lado, um impacte directo da filosofia grega no Novo Testamento e, em particular, em S. Paulo, que escolas anteriores de estudos teológicos (p. ex., a de D. F. Strauss) costumavam presumir, não foi confirmado pela investigação histórica moderna. Havia por certo muitas ideias filosóficas no ar, mas isso não é o mesmo que uma influência doutrinal demonstrável, p. ex., de Séneca em S. Paulo, como foi presumida pela escola de*

teologia de Tubinga em meados do século XIX” Jaeger, Werner, Cristianismo Primitivo e Paideia Grega, Título original: Early Chistianity and Greek Paideia, dições 70 - Lisboa - Portugal, pág. 15, nota de roda pé.

[2] *“Ele contribuiu para a legítima helenização do cristianismo, frente ao problema da relação entre Igreja e cultura. Ao afrontar tal problema, conclui que o cristianismo não veio destruir a filosofia grega, mas mobilizá-la e aperfeiçoá-la”* Hackmann, Geraldo Luiz Borges, A amada igreja de Jesus Cristo: manual de eclesiologia como comunhão orgânica, Ed. EDIPUCRS, 2003, Pág. 31.

[3] *“Vem, pois, ó insensato, e não mais com o terso na mão, nem coroadado de hera! Larga tua mitra, deixa tua pele de cabra e retoma a razão! Eu te mostrarei o Logos e os mistérios do Logos, valendo-me de tuas próprias imagens”* Clemente de Alexandria. Protréptico, na tradução de Cirilo Folch Gomes. Antologia dos Santos Padres, n. 129.

[4] *“Um destes grupos era o dos ‘pitagóricos’, que pregavam o modo de vida ‘pitagórico’ e utilizavam como símbolo um Y, o sinal da encruzilhada em que um homem tinha de decidir o caminho a tomar, o bom ou o mau. Em tempos helenísticos, encontramos este ensinamento dos dois caminhos, que era evidentemente muito antigo (ocorre em Hesíodo, por exemplo), num popular tratado filosófico, o Pinax de Cebes, que descreve uma imagem dos dois caminhos encontrada entre as ofertas votivas de um templo”* Idem.

[5] Paralelismo - Elemento formal fundamental na construção da poesia hebraica que se constitui numa espécie de trava lógica, denominado pelos estudiosos de “ritmo de sentido”. Existem pelo menos três estilos primário de paralelismo, e a dos versos em comento trata-se de paralelismo antitético, pois cada linha do proverbio expressa pensamentos opostos quanto aos ímpios e os justos.

[6] A linguagem de uma época as vezes diferem uma da outra simplesmente pela mudança de local, como foi o caso de Sócrates quando se apresentou diante de um tribunal. Que se dirá de uma linguagem utilizada em um tipo de sociedade que os seus valores estão distantes da nossa realidade? *“... se ouvirdes, na minha defesa, a mesma linguagem que habitualmente emprego na praça, junto das bancas, onde tantos dentre vós me haveis escutado, e em outros lugares, não a estranheis nem vos revolteis por isso. Acontece que venho ao tribunal pela primeira vez aos setenta anos de idade; sinto-me, assim, completamente*

estrangeiro à linguagem do local” Platão, Diálogos, Eutífron, Coleção Os Pensadores, Nova Cultural, pág. 66.

[7] *“Todo esto se debe a que el primitivo libro de Teognis pasó a ser, en el transcurso de los siglos V-IV a. C, el núcleo de una antología en la que se introdujeron poemas de procedencia muy variada, y que se difundía, crecía y se alteraba en los banquetes aristocráticos, en los que solía cantarse por los participantes poesía improvisada sobre temas tradicionales, o tomada directamente de colecciones ya con dicho propósito formadas -como la de Teognis- y que, por eso mismo, estaban sujetas a constante transformación”* 57
Título: Teognis de Mégara (selección de Poemas)[*] Autor: Editores invitados
Tema: Temas Varios, Junio de 2001, Páginas 101-105 Consultado em 22/03/15.

[8] *“Eles se denominam, por exemplo, ‘os vorazes’; primeiramente a nobreza grega, cujo porta-voz é o poeta Teógnis de Megara. A palavra cunhada para este fim, αγαθός [bom, nobre], significa, segundo sua raiz, alguém que é, que tem realidade, que é real, verdadeiro; depois, numa mudança subjetiva, significa o verdadeiro enquanto veraz: nesta fase da transformação conceitual ela se torna lema e distintivo da nobreza, e assume inteiramente o sentido de ‘nobre’, pra diferenciação perante o homem comum mentiroso, tal como Teógnis o vê e descreve - até que finalmente, com o declínio da nobreza, a palavra resta para designar a aristocracia espiritual, tornando-se como que doce e madura”*
Nietzsche, Friedrich, Genealogia da moral: uma polemica; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pág. 19.

[9] *“... com o declínio da nobreza, a palavra (αγαθός) resta para designar a aristocracia espiritual (...) desta regra, a de que o conceito denotador de preeminência política sempre resulta em um conceito de preeminência espiritual...”* Nietzsche, Friedrich, Genealogia da moral: Uma polêmica, 2° reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pág. 20 e 21.

[10] *“Os ‘bem-nascidos’ se sentiam mesmo como os ‘felizes’; eles não tinham de construir artificialmente a sua felicidade, de persuadir-se dela, menti-la para si, por meio de um olhar aos seus inimigos (como costumam fazer os homens do ressentimento); e do mesmo modo, sendo homens plenos, repletos de força e portanto necessariamente ativos, não sabiam separar a felicidade da ação - para eles, ser ativo é parte necessária da felicidade (nisso tem origem [fazer bem: estar bem]”* Idem.

[\[11\]](#) Praticar o que é justo é obedecer ao mandamento de Deus, tanto na Antiga aliança quanto na Nova Aliança. No N. T. o que é justo é crer que Jesus é o Cristo, pois crer em Cristo é o mandamento de Deus que dá vida eterna.